

SABER

Cooperar

A revista do cooperativismo



Sistema **OCB**
CNCOOP - OCB - SESCOOP

*Queremos mais
mulheres na liderança
das cooperativas!*

Vânia Lúcia,
presidente da
Coopfam (MG)

Conexão internacional
Conheça Sunchales, a
capital argentina do
cooperativismo

Intercooperação
Jovens e mulheres agora
têm Conselho Nacional
no Sistema OCB

Sementes
Brasileiro indicado ao
Nobel da Paz é aliado
do nosso movimento

Vem ser coop!
Tudo ao
seu redor **já é.**



VEM COM A GENTE
somos.coop.br



somoscoop»

O cooperativismo está em toda parte. Está no alimento que você come e em todo o caminho que ele percorre até chegar na sua mesa. Está também no transporte que você usa, nas viagens que você faz, na indústria e até na geração de energia elétrica. É um modelo de negócio que gera renda para muita gente. É desenvolvimento econômico e também social. É crescer junto: pessoas, cooperativa e a comunidade inteira. Os cooperados? São mais de quinze milhões de brasileiros.

O Guga já faz parte. E você também pode fazer.

Acesse nossas redes e descubra o que mais o coop pode fazer por você e pelo país.

UM BOM começo

Números
desta edição

24 cooperativas

5 regiões do Brasil

2 países

6 ramos
do cooperativismo:

- Agropecuário
- Consumo
- Crédito
- Infraestrutura
- Saúde
- Trabalho, Produção de Bens e Serviços

COMO ACESSAR OS RECURSOS MULTIMÍDIA



Tendo o aplicativo de QR Code instalado em seu celular, basta abri-lo e direcionar a câmera do aparelho em direção ao código.

Escaneie e espere o aplicativo direcioná-lo para o conteúdo.

Olá, amigos cooperativistas!

Quando eu vi a capa desta edição da Saber Cooperar, fiquei orgulhoso! As mulheres cooperativistas são, de fato, uma das forças capazes de alavancar o nosso movimento. Engajadas, cuidadosas, inovadoras e donas de uma visão de mundo mais justa e sustentável, elas estão transformando o nosso modelo de negócios. É por isso que nós, do Sistema OCB, queremos vê-las, cada vez mais, em posições de liderança em nossas cooperativas. E uma maneira de fazer isso é contando a história de mulheres que hoje são presidentes de cooperativas. São cinco exemplos inspiradores, um de cada região do Brasil.

Esta edição também mostra, em duas reportagens, a importância do agronegócio e do cooperativismo para o crescimento do Brasil — fato comprovado pela indicação do ex-ministro da Agricultura, Alysson Paolinelli, ao Prêmio Nobel da Paz 2021. Agrônomo de formação, ele ajudou a trabalhar o Cerrado brasileiro em um campo fértil para a produção de alimentos, na década de 1970.

Paolinelli — que assim como eu é um apaixonado pelo cooperativismo — elevou o Brasil de importador de alimentos a uma nação autossuficiente e apta a exportar produtos agrícolas de qualidade para todo o mundo. Como? Apostando na ciência, na inovação e na força do homem do campo.

Em outra reportagem, mostramos como a cafeicultura brasileira dri-

blou a pandemia da Covid-19 e conseguiu crescer em 2020. O país segue firme como o maior exportador e o segundo maior consumidor de café do mundo, posto em que se alterna em dobradinha com os Estados Unidos.

Para finalizar, destaco duas matérias diretamente relacionadas ao que sonhamos para o futuro do cooperativismo. A primeira delas fala sobre o nosso desejo de renovação! Queremos ver mais jovens e mais mulheres no protagonismo das cooperativas brasileiras. Por isso, criamos dois novos comitês no Sistema OCB: o Comitê Nacional de Mulheres e o Comitê Nacional de Jovens. Eles já estão em funcionamento e prometem colaborar para a construção de um cooperativismo mais plural, mais inovador e mais sustentável.

Outro sonho do Sistema OCB é aprovar, até o final de 2021, a modernização do Marco Regulatório das Cooperativas de Crédito. Desde o começo do ano, estamos trabalhando junto a deputados e senadores para que o Projeto de Lei Complementar 27/2020 (que trata do assunto) tramite em caráter de urgência diretamente no Plenário da Casa. Afinal, precisamos dessa atualização para manter as cooperativas de crédito competitivas e capazes de continuar gerando emprego, renda e inclusão financeira para milhares de brasileiros.

Um bom primeiro semestre para todos!

Márcio Lopes de Freitas
Presidente do Sistema OCB

ANO X • Nº 32 • NOV/DEZ 2020 - JAN 2021
ISSN 2317-5109

SESCOOP

CONSELHO NACIONAL

- Márcio Lopes de Freitas – presidente

REPRESENTANTES OCB

Região Centro-Oeste

- Celso Ramos Régis – titular
- Luis Alberto Pereira – suplente

Regiões Norte e Nordeste

- Cergio Tecchio – titular
- José Merched Chaar – suplente

Região Sudeste

- Edivaldo Del Grande – titular
- Pedro Scarpi Melhorim – suplente

Região Sul

- Luiz Vicente Suzin – titular
- Leonardo Boesche – suplente

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

- Mauri Viana da Silva – titular
- Nivair de Castro de Souza – suplente

REPRESENTANTES DO EXECUTIVO

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

- Fernando Henrique Kohlmann Schwanke – titular
- Fabiano Maluf Amui - suplente

Ministério da Economia

- Danilo Soares Pacheco de Medeiros – titular
- Andréia Lúcia Araújo da Crus de Carvalho – suplente
- Geanluca Lorenzon – titular
- Alex Pereira Freitas – suplente
- Gabriela de Souza Valente – titular
- Roberta Carolina Rios Bosco Soares – suplente
- Adão José Correa Paiani – titular
- Joel Amaral Júnior – suplente

CONSELHO FISCAL DO SESCOOP

REPRESENTANTES DA OCB

- João Teles de Melo Filho – titular
- José Aparecido dos Santos – titular
- Alexandre Gatti Lages – suplente
- José Ronkoski – suplente

Conselheiros representantes dos empregados em cooperativas

- Raphael Miguel da Silva – titular

REPRESENTANTES DO EXECUTIVO

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

- Marcio Eli Almeida Leandro – titular
- Mara Marlene Machado Papini – suplente

Ministério da Economia

- Luiza Lemos Roland – titular
- Luciana Maria Rocha Moreira – suplente
- Antônia Tallarida Serra Martins – titular
- Rogério Nagamine Costanzi – suplente

SISTEMA OCB

No Brasil, o movimento cooperativista é representado oficialmente pelo Sistema OCB, composto por três entidades complementares entre si:

- ✓ **Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop)** – órgão de representação sindical das cooperativas, composto também por federações e sindicatos.
- ✓ **Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)** – entidade representativa do cooperativismo no país, responsável pela promoção, pelo fomento e pela defesa do sistema cooperativista em todas as instâncias políticas e institucionais, no Brasil e no exterior.
- ✓ **Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop)** – integrante do Sistema S, responsável pela formação profissional, pela promoção social e pelo monitoramento das cooperativas.



A revista *Saber Cooperar* é uma publicação do Sistema OCB, realizada com recursos do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) e distribuída gratuitamente em todo o Brasil.

Gerente de Comunicação: Daniela Lemke

Conselho Editorial: Fernando Ripari, Juliana Gomes de Carvalho, Karla Oliveira, Malaquias Ancelmo de Oliveira, Maria José de Andrade Leão, Renato Nobile, Rosana Vargas, Samuel Zanello Milléo Filho e Tânia Zanella

Jornalista responsável: Gisele James

Colaboração: Ana Suelen Troiano, Aurélio Prado, Cristiano Hosannah de Carvalho, Gabriela Prado e Iago Carvalho

Projeto gráfico e editorial



Edição: Guaíra Flor

Diagramação: Vanessa Farias Kassabian

Repórteres: Alessandro Mendes, Amanda Ciegliński, Débora Brito, Lílian Beraldo, Mariana Branco, Paula Andrade e Tchéréna Guimarães

Ilustrações: Kleber Sales

Revisão: Luciana Pereira

Impressão: Mais Soluções Gráficas Eireli ME

Sistema OCB: Setor de Autarquias Sul – SAUS Qd. 4 Bl. "I"
CEP 70070-936 – Brasília-DF (Brasil) – Telefone: +55 (61) 3217-2119
E-mail: revistasabercooperar@sescoop.coop.br

NESTA Edição

6

Entrevista



LIÇÃO DE RESILIÊNCIA



10

Três poderes

ATUALIZAÇÃO DA LEI
DAS COOPERATIVAS
DE CRÉDITO É
PRIORIDADE PARA 2021

14

De olho no mercado
VAI UM CAFEZINHO, AÍ?



20

Especial

ELAS ESTÃO NO PODER



Sementes

28

TEM BRASILEIRO NA
DISPUTA PELO NOBEL
DA PAZ

34

CEO Incrível

UM JEITO ÚNICO
DE CUIDAR



40

Intercooperação

O COOFUTURO JÁ COMEÇOU

48

Perfil

DO CAMPO PARA O
CONGRESSO, COM O APOIO
DO COOPERATIVISMO



69

Artigo

INDICAÇÃO AO NOBEL DA
PAZ TAMBÉM É PRÊMIO
AO COOPERATIVISMO



52

Conexão
internacional

SUNCHALES



60

Inovação

ANTENADOS
COM O FUTURO

LIÇÃO DE *resiliência*

ENTENDA QUAIS MUDANÇAS VIERAM PARA FICAR NO ENSINO FUNDAMENTAL, NA OPINIÃO DE DOIS PRESIDENTES DE COOPERATIVAS QUE ESTÃO LIDANDO DE PERTO COM OS DESAFIOS TRAZIDOS PELA PANDEMIA DA COVID-19



ILUSTRAÇÃO: KLEBER SALES



Por Paula Andrade

A educação a distância, ao que tudo indica, continuará a fazer parte das escolas de todo o Brasil — ainda que em menor proporção — quando conseguirmos controlar a disseminação do novo coronavírus. As novas tecnologias ganharam maior importância nas vidas de alunos e professores, especialmente na rede privada de ensino, que, dificilmente, conseguirá retroagir a um modelo de aulas 100% *off-line*, feitas com o apoio apenas de quadro-negro e giz.

Essa é uma das poucas mudanças trazidas pela pandemia de Covid-19 consideradas positivas pelos professores, pedagogos e especialistas em educação. Via de regra, eles percebem que a suspensão das aulas presenciais ampliou as desigualdades do ambiente escolar, criando um fosso entre os alunos com acesso às novas tecnologias e aqueles que sequer têm conexão com a internet. Outro problema complicado: conscientizar as famílias da importância de participar ativamente da vida escolar de meninos e meninas não apenas agora, durante a crise sanitária, mas durante todos os ciclos de ensino (infantil, fundamental e médio).

Uma pesquisa da Secretaria de Política Econômica do Ministério da Educação estima que o fechamento das escolas durante a pandemia da Covid-19 pode trazer consequências por 15 anos na economia brasileira. Para conversar sobre esse tema, trouxemos duas referências dentro do cooperativismo educacional: Elizeth Pelegrini, presidente da Cooperativa Educacional Magna (CEM), de Santa Catarina; e Alaerte Martins, presidente da maior cooperativa de ensino da Bahia, a Cooperativa de Trabalho Educacional de Irecê (Coperil). Confira!

Saber Cooperar: Como a sua cooperativa está lidando com os impactos da pandemia de Covid-19? Você estavam preparados para as mudanças que ocorreram?

Elizeth Pelegrini: O ano de 2020 foi desafiador, comparado a todos os demais vividos, por conta da pandemia da Covid-19. O segmento Educacional foi diretamente impactado; os processos de prestação de serviço foram reestruturados, descobrimos o universo das ferramentas tecnológicas, incorporamos novas didáticas e metodologias de ensino. Os profissionais da educação se transformaram. Entendo que as cooperativas provaram

mais uma vez sua eficiência, acompanharam as mudanças inovando e gerando crescimento para associados e clientes.

Alaerte Martins: Nossa cooperativa vem lidando com muita perseverança, serenidade, busca de conhecimento e parceria entre os nossos cooperados e a sociedade. A pandemia foi algo inesperado, que trouxe situações desconhecidas. No entanto, apesar de ser algo novo, contamos com uma estrutura e gestão administrativa que nos permitiu enfrentar este momento.

Havia uma expectativa de que, em 2021, a pandemia se resolvesse, mas isso não aconteceu. Você acha que as cooperativas estavam mais preparadas nessa segunda onda do que na primeira vez?

EP: Entendo que não só as cooperativas, mas os demais segmentos empresariais, aprenderam a trabalhar com o cenário de 2020 e se fortaleceram. As vivências e o conjunto de esforços que foram dispensados nos primeiros meses da pandemia causaram o amadurecimento e, conseqüentemente, o enfrentamento de problemas no futuro. Sem dúvida, ficamos mais resilientes e aprendemos a lidar com as incertezas.

AM: O que causou a maior dificuldade para o enfrentamento da pandemia foi o desconhecimento. Em que pese a segunda onda tenha surgido de forma mais agressiva, já temos mais experiência, o que nos permite enfrentar 2021 com um pouco mais de tranquilidade. Tratando especificamente do Ramo Educacional, não tivemos mudanças, tendo em vista que as aulas presenciais ainda não foram autorizadas em nosso município. Então, seguimos com as metodologias e dinâmicas de educação a distância, mas aperfeiçoando cada dia mais essa nova forma de ensinar.

A importância da educação, da presença das escolas na vida das crianças e jovens, nunca foi tão debatida como agora no Brasil. Como você enxerga esse debate?

EP: Educação é o *input* para o crescimento do ser humano. Sem educação, as pessoas não se desenvolvem. Promover debates sobre a importância da educação é importante, porém não menos do que pensar e adotar mudanças no comportamento social dos profissionais da área, dos alunos e familiares. Trabalhar as políticas públicas para maior en-

gajamento para desenvolver efetivamente a educação. A educação é fator preponderante para o crescimento das pessoas, das cooperativas e da sociedade como um todo.

AM: Esse é um debate necessário, porém tardio. Foi preciso perder para se falar, defender e mensurar a significância do processo de aprendizagem para o ser humano. Lamentável. E, apesar de o debate existir, percebemos ainda muita ignorância da população sobre o verdadeiro papel e importância das escolas na vida das crianças, o que se mostra em números: muitas famílias tiraram os seus filhos das instituições de ensino e muitas estão mantendo essas crianças sem vínculo escolar, apesar de ser ilegal. E isso está sendo pouco divulgado pelos órgãos competentes.

O estudo on-line veio para ficar? Quais são as vantagens e desvantagens dessa modalidade de ensino a distância?

EP: A pandemia corroborou para que o ensino remoto se consolidasse na rotina dos educandários. Observo que esse modelo elevou o aprendizado, promovendo o crescimento do desempenho cognitivo dos alunos. Em contrapartida, observamos que houve a perda no desenvolvimento das inteligências sociais e emocionais.

AM: O estudo *on-line* sempre existiu, apenas não dávamos a ele a importância devida. As vantagens são sempre a flexibilidade de horários e o desenvolvimento da autonomia. As desvantagens são a falta de interação com colegas e professores, além de que o acesso a determinadas ferramentas, em certas idades, deve sempre ser supervisionado, considerando os riscos oferecidos.

Você acha que haverá um déficit de aprendizado nas crianças e nos adolescentes nesses dois anos de pandemia? Se sim, como podemos minimizar esse dano e quais são os impactos que ele pode trazer no futuro do País?

EP: Do ponto de vista das cooperativas educacionais, entendo que houve evolução no desenvolvimento cognitivo dos alunos. Porém, o desenvolvimento social e emocional ficou deficitário. Devemos dispensar parte da nossa energia em trabalhos e projetos de estudos de meio que estimulem o desenvolvimento dessas habilidades de convivência

social e o fortalecimento emocional dos educandos.

AM: O impacto de uma pandemia não poderá ser mensurado em tão curto espaço de tempo, pois em pouco mais de um ano ainda não conseguimos sair dela. No entanto, já existem pesquisas que apontam para possíveis danos em diversos aspectos na vida das crianças e dos adolescentes, e a falta da escola é um desses impactos. Inicialmente, a forma de minimizar esses danos é por meio do acolhimento socioemocional e da busca da recuperação da aprendizagem nesse período. Mas, apenas com o tempo, ao termos real conhecimento dos danos e de suas extensões, poderemos também traçar melhores estratégias de minimização desses impactos.

O que as cooperativas escolares têm feito para garantir a segurança dos colaboradores e dos alunos que estão optando pelo ensino presencial?

EP: As cooperativas aderiram aos planos de contingenciamento dos seus estados, obedecendo às especificidades dos protocolos de biossegurança.

AM: Os nossos colaboradores que estão atuando de maneira presencial seguem o nosso protocolo de biossegurança, estudado e aprovado pela Vigilância Sanitária do município. Nossa estrutura física passou por adaptações para adequação após a vistoria realizada por esse órgão. Além disso, promovemos oficinas de conhecimento e treinamento. Não existem alunos no ensino presencial em nossa cooperativa. Todos estão em ensino remoto. No entanto, acreditamos que uma das formas de enfrentamento da pandemia é a conscientização e o conhecimento. Dessa forma, já estamos trabalhando com os nossos alunos, para que, quando estivermos autorizados a recebê-los presencialmente, estejamos todos mais adaptados ao que a realidade requer.

Você acha que a relação família/escola/professor vai mudar depois da pandemia?

EP: Percebo que a nossa sociedade, de forma geral, está se adequando a um novo modelo de comportamento social, revendo valores e posicionamentos. Nada como a adversidade para nos ensinar.

AM: Sim, e para melhor. A comunicação entre família e escola aumentou muito durante a pandemia, pois foi preciso estar mais próximo delas. A família se abriu mais para a escola, dividindo com ela seus medos, suas dificuldades e suas angústias.

Muitas famílias não estão conseguindo conciliar o ensino on-line com o home office. Que recado você daria para elas?

EP: O ensino remoto exige muita disciplina e precisa que os pais ou responsáveis criem uma rotina de estudos para seus filhos. Resalto a importância de incentivar a autonomia dos seus filhos.

AA: Eu diria que é preciso ter calma e compreender que, *on-line* ou presencial, acompanhar os filhos sempre foi uma atribuição da família. A escola faz a parte dela, mas o acompanhamento de uma rotina eficaz de estudos depende da orientação e da parceria da família, sempre.

Quais são as suas expectativas para o futuro do cooperativismo na educação?

EP: Todos os segmentos do cooperativismo estão radicados e em franco crescimento. Considero algumas tendências no universo educacional. São elas: promoção do conhecimento através de metodologias que utilizam as tecnologias como cooperadora nesse processo; aprendizagem mais acessível, envolvente e personalizada; currículo mais flexível, que proponha o engajamento dos estudantes e, por fim, foco na educação inovadora, que leve em conta o contexto no qual os alunos estão inseridos e os prepare para os desafios do mundo.

AM: O cooperativismo, em todos os ramos, é um modelo de negócio em constante ascensão. Acredito que, no segmento da Educação, estamos enfrentando grandes desafios, pois ele foi muito impactado pela pandemia. Mas, como uma das características do cooperativismo é assumir o ônus e o bônus, estamos lidando com essas dificuldades. Esta realidade propõe aos cooperados aumentar o senso de pertencimento, lutar pelo seu negócio, e buscar a sua permanência e a conquista de mais espaço no mercado. Dessa forma, acredito que teremos uma nova realidade, ainda melhor, para o cooperativismo escolar quando essa crise sanitária for controlada. ■

Atualização da lei

DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO É PRIORIDADE PARA 2021

MUDANÇAS EM DEBATE NO CONGRESSO NACIONAL MODERNIZAM CONCEITO DA ÁREA DE ATUAÇÃO DAS COOPERATIVAS, INSTITUEM REGRAS MAIS CLARAS DE ORGANIZAÇÃO SISTÊMICA E POSSIBILITAM A OFERTA DE NOVOS PRODUTOS E SERVIÇOS

Por Alessandro Mendes

As cooperativas de crédito são um dos mais importantes agentes de desenvolvimento econômico e social no Brasil. Em 2020, elas atenderam cerca de 12,69 milhões de pessoas, gerando mais de 71,7 mil postos de trabalho, e recolheram aos cofres públicos em torno de R\$ 1 bilhão em tributos. Além disso, em 234 municípios, são o único agente financeiro presente fisicamente, oferecendo, além de serviços bancários, inclusão. Esses dados são — respectivamente — do Banco Centra; do *Censo Brasileiro do Cooperativismo 2020*, produzido pelo Sistema OCB, e do Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito (FGCoop).

Um dos pilares do desenvolvimento do setor — que cresce ininterruptamente há pelo menos uma década — foi a aprovação, em 2009, da Lei Complementar nº 130/2009, que criou o Sistema Nacional do Cooperativismo de Crédito (SNCC). **Conheça a importância da LC nº 130/2009 assistindo ao vídeo que produzimos em comemoração aos 10 anos do nosso marco regulatório.** Esse foi o marco regulatório que reconheceu as cooperativas como agentes financeiros aptos a oferecerem à população os mesmos produtos e serviços dos bancos comerciais, dando segurança legal para a atuação do setor.

Acontece que, desde então, as novas tecnologias causaram mudanças significativas no mercado financeiro e no dia a dia das cooperativas. Com isso, alguns pontos da legislação tornaram-se defasados e necessitam de aprimoramento.

Com esse objetivo, foi elaborado — com a participação do Sistema OCB, do Banco Central e de todos os sistemas cooperativos e singulares —, o Projeto de Lei Complementar (PLP) n° 27/2020, que visa exatamente modernizar a forma de participação do cooperado em sua cooperativa de crédito. Devido à agenda de combate aos reflexos da pandemia de Covid-19, o projeto não avançou em sua tramitação em 2020, mas deve ganhar força nos próximos meses.

“A atualização da lei das cooperativas de crédito é importante para que o setor continue avançando e gerando empregos, renda e desenvolvimento local”, destaca o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas. “A proposta aprimora o sistema de investimentos brasileiros para garantir um sistema de negócios mais seguro para os empreendedores”, completa.

No momento, a equipe de representação institucional do Sistema OCB e a Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop) têm atuado junto ao presidente da Câmara, deputado Arthur Lira, e com diversas lideranças partidárias na aprovação de requerimento de urgência para que o projeto tramite diretamente no plenário da Casa. O PLP n° 27/2020, inclusive, é uma das pautas prioritárias da *Agenda Institucional do Cooperativismo de 2021*, lançada recentemente, com a presença da ministra da Agricultura, Tereza Cristina; do presidente do Banco Central,

Roberto Campos Neto, e de diversas outras autoridades dos Três Poderes da República.

Principais alterações

O PLP n° 27/2020 atualiza o conceito de área de atuação das cooperativas, institui regras mais claras de organização sistêmica e possibilita a oferta de novos produtos e serviços, como os empréstimos sindicalizados, quando duas ou mais cooperativas do mesmo sistema unem forças para, juntas, atender a determinadas demandas de crédito de seus cooperados.

“Com a alavancagem, torna-se mais viável o atendimento a cooperados que não conseguem tomar crédito na sua própria cooperativa por restrição de limite operacional”, explica a gerente de relações institucionais do Sistema OCB, Fabíola Nader Motta.



O projeto também prevê delegar ferramentas e poderes maiores para as centrais e confederações realizarem o trabalho de supervisão auxiliar. Além disso, amplia a participação do cooperado na gestão da cooperativa e permite a realização de campanhas promocionais visando atrair novos associados e integralizar quotas-partes.

“Com regras mais claras de organização sistêmica, a nova lei delimita possíveis conflitos de interesse e agiliza os processos de tomada de decisão, promovendo o maior fortalecimento de estruturas de supervisão do modelo societário cooperativo”, destaca Fabíola.

De acordo com o superintendente jurídico do Banco Cooperativo Sicoob, Clairton Walter, outras mudanças importantes previstas no PLP nº 27/2020 são a restrição de sobreposição de cargos de presidente e vice-presidente do conselho de administração ou de diretor executivo entre os segundo e terceiro graus dos sistemas cooperativos; a possibilidade de realizar campanhas de premiação englobando capital social; o estabelecimento de condições a serem observadas na elaboração do estatuto social, e na realização de assembleias e reuniões deliberativas; e a criação de critérios mais rigorosos para desfiliação de cooperativa de crédito

singular de sua central, além de condicionar o enquadramento nos limites operacionais.

“Quando da construção da proposta, consultamos previamente nossas cooperativas e centrais para identificar as necessidades de evolução legislativa, o que nos permitiu apresentar diversas sugestões que foram contempladas no projeto de lei”, aponta Walter. “Vemos essa iniciativa como necessária e adequada para o momento de crescimento e desenvolvimento do cooperativismo de crédito”, ressalta.

Para o diretor de Coordenação Sistêmica e Relações Institucionais do Sicoob, Ênio Meinen, outros avanços previstos no projeto de modernização são o aperfeiçoamento dos instrumentos de supervisão ao alcance das confederações e cooperativas centrais, e o reforço à impenhorabilidade das quotas-partes de capital enquanto o cooperado mantiver o vínculo associativo. “Também merece destaque a possibilidade de destinação de recursos do Fundo de Assistência Técnica Educacional e Social (Fates) para projetos comunitários”, observa.

Esforço coletivo

A construção do PLP nº 27/2020 foi resultado de um esforço coletivo do movimento cooperativista, com participação de representantes das cooperativas financeiras, unidades estaduais do Sistema OCB, congressistas, representantes do Banco Central e do Governo Federal.

“Existe um esforço conjunto para construirmos um cooperativismo financeiro de alto impacto para o Brasil. E esse esforço passa pela ação coordenada entre o movimento cooperativo e as autoridades públicas, em especial o Ban-



co Central do Brasil, por sua área de normas, supervisão e organização do Sistema Financeiro Nacional”, afirma o coordenador do Conselho Consultivo Nacional do Ramo Crédito do Sistema OCB, Marco Aurélio Almada.

Almada destaca que as alterações sendo pleiteadas na legislação das cooperativas de crédito são fruto de observação do desenvolvimento orgânico do segmento. “Queremos manter tudo aquilo que deu bom resultado na lei vigente, mas também entendemos que a prática nos indica que algumas alterações são necessárias para aprimorar o modelo em vigor e também para que possamos reunir condições de passar pelas mudanças gigantescas que estão acontecendo no Sistema Financeiro Nacional. De forma geral, esse é um trabalho virtuoso que está apontado para o desenvolvimento do cooperativismo brasileiro”, completa Almada, que também é diretor-presidente do Centro Cooperativo Sicoob (CCS).

No Congresso Nacional, o PLP nº 27/2020 foi protocolado pelo deputado federal Arnaldo Jardim, um dos membros mais atuantes da Frencoop. Entusiasta da matéria, ele destaca a importância de se modernizar o marco legal das cooperativas de crédito.

“Distribuídas por todo o País, as cooperativas auxiliam na inclusão financeira e colaboram para o surgimento de prósperas e novas realidades socioeconômicas no interior do País, possibilitando a melhoria da qualidade de vida dos brasileiros”, afirma o parlamentar. “A modernização da lei atual é fundamental para que o cooperativismo de crédito continue sendo esse importante vetor de desenvolvimento da nossa economia.”

O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, concorda com o autor do projeto e acrescenta: a modernização do marco regulatório do cooperativismo financeiro tem potencial para fortalecer ainda mais o SNCC.

“As mudanças propostas pelo PLP nº 27/2020 são fundamentais para que as cooperativas estejam aptas ao ambiente competitivo, inovador e tecnológico em forte desenvolvimento no Sistema Financeiro Nacional”, destaca. ■

Sobre as cooperativas de crédito

Segundo pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) em parceria com o Sistema Sicredi, divulgada em fevereiro de 2020, a presença de cooperativas de crédito em determinada região afeta positivamente os indicadores econômicos: o número de estabelecimentos por milhares de habitantes se eleva, em média, 19,6%; a proporção das vagas de emprego formal em relação à população em idade ativa cresce, em média, 6,2% e a renda *per capita* da região aumenta, em média, 5,6%.

Ainda segundo a pesquisa, 50% das cooperativas de crédito do País estão presentes em municípios com até 12 mil habitantes. A atuação é maior em municípios menos urbanizados, com até 40% da população concentrada no campo. Esse dado mostra que as cooperativas atuam, em sua maior parte, em locais menos urbanos e suas agências tendem a ser mais interiorizadas, possibilitando que comunidades rurais tenham acesso ao sistema financeiro.

Em 2020, os depósitos totais somaram R\$ 290,1 bilhões, o que equivale a um aumento de 42,4% em relação ao ano anterior. As operações de crédito, por sua vez, alcançaram R\$ 213,2 bilhões, segundo dados do Banco Central do Brasil.

Ainda segundo a autarquia, o patrimônio líquido das 847 cooperativas de crédito singulares existentes no Brasil totalizou R\$ 57,4 bilhões e os ativos totais superaram R\$ 370 bilhões, demonstrando grande capacidade na obtenção de resultados positivos.

“Além disso, para cada real originado em crédito pelo sistema de cooperativas, o valor agregado de R\$ 2,45 é adicionado à renda da região e um novo emprego é criado para cada R\$ 36 mil de crédito concedido”, informou o presidente do BCB, Roberto Campos Neto, em discurso durante a apresentação do PL nº 27/2020.

VAI UM *cafézinho,* AÍ?



EM TEMPOS DE ISOLAMENTO
SOCIAL, CONSUMO DE CAFÉ
AUMENTA, COMPROVANDO:
MAIS DO QUE UM PRODUTO,
ELE É UMA ÓTIMA COMPANHIA

Por Mariana Branco

O cafezinho é um amigo íntimo do brasileiro. Afinal, o país é o maior produtor, maior exportador e o segundo maior consumidor de café do mundo, posto em que se alterna em dobradinha com os Estados Unidos. Durante a pandemia, não foi diferente. O setor driblou a crise, com o consumo interno registrando crescimento de 1,34% em 2020 na comparação com 2019, segundo dados divulgados pela Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic). Ainda segundo a Abic, vem crescendo a busca por qualidade e segurança, o que leva empresas e cooperativas a investir em certificações.

Os números coletados pela entidade indicam que, entre 2019 e 2020, houve um aumento de 18,11% no número de certificações de qualidade. Para se ter ideia, nos últimos cinco anos, a emissão de certificado de produtos de alta qualidade (cafés gourmet) cresceu 85%. Já o café torrado em grão, aquele das máquinas de expresso, representava 3,7% do faturamento do setor no ano 2000 e atualmente responde por 15%.

“Ao longo dos anos, o consumo de café no Brasil sempre cresceu acima do consumo mundial. Enquanto no mundo crescia na faixa de 1,5%, no Brasil crescia 3,5%. Eu costumo dizer que o café passa bem pelas crises, é um companheiro, uma bebida que está em 98% dos lares. Então, registrou esse crescimento de 1,34%, que é significativo no momento”, comenta Mônica Pinto, coordenadora de Projetos da Abic.

Dentro do cooperativismo, o café também ocupa um papel de destaque. Dados do Censo Agropecuário de 2017, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, indicam que 54,8% do café produzido no país é proveniente de produtores rurais associados a cooperativas. Hoje, existem 104 cooperativas que trabalham com o café no Brasil, não necessariamente como único ou principal produto.

Segundo João Prieto, coordenador do Ramo Agropecuário da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), o modelo cooperativista é um dos pilares para que a cafeicultura brasileira tenha conseguido atingir os patamares de produção e comercialização que temos hoje. “Além de toda a estrutura de apoio à atividade do produtor associado, desde o fornecimento de insumos até a

recepção e comercialização da produção, um dos grandes diferenciais das cooperativas está na prestação de um serviço de assistência técnica altamente qualificado, fazendo toda a diferença para o desenvolvimento de uma cafeicultura de ponta”, afirma.

De fato, cada vez mais cooperativas têm investido na diversificação e qualificação de sua produção para atender a diferentes nichos de demanda, a exemplo dos cafés especiais. “Por sua diversidade e capilaridade, as cooperativas cafeeiras conseguem atender com excelência tanto o mercado interno quanto o externo”, comenta Prieto.

Para os produtores interessados em fazer parte desse seleto mercado, João Prieto recomenda que avaliem muito bem questões como clima e investimento. “A primeira avaliação que qualquer produtor deve fazer antes de ingressar na atividade é em relação à aptidão, ligada tanto à afinidade do agricultor com a cultura como às exigências edafoclimáticas da planta vinculadas às regiões de produção. O café é uma cultura perene e, sendo assim, após a implantação inicial da lavoura ainda serão necessários investimentos nos primeiros anos sem que exista um retorno, até as primeiras colheitas”.



Produto forte

Há mais de 30 anos no mercado de café industrializado, a Cooperativa Regional de Cafeicultores em Guaxupé, do Sul de Minas Gerais, sempre foi uma grande exportadora. A partir de 2011, começou a investir mais fortemente no mercado nacional e na certificação de seus produtos. Hoje, tem marcas próprias de café em todas as categorias, do tradicional ao café em grãos e especial.

“Culturalmente o brasileiro toma muito café. É um produto forte, promissor e nós, cooperativistas, somos uma referência no assunto”, comenta o superintendente de Torrefação e Novos Negócios da Cooxupé, Mário Panhotta, um apaixonado pelo produto.

Com a chegada da pandemia, ele conta que houve a reversão da tendência, verificada há alguns anos, de aumento de consumo do café fora de casa.

“Antes da Covid-19, os cafés [estabelecimentos comerciais] estavam em alta, mas com o isolamento social eles perderam espaço e houve uma migração desse consumo de café especiais para dentro dos lares, especialmente por meio dos e-commerces”, explica. De fato, no primeiro trimestre de 2021, os cafés em cápsula da Nestlé cresceram 17% nos Estados Unidos. Foi o melhor resultado dos últimos dez anos. No Brasil, o crescimento também foi de dois dígitos, mas a companhia não abriu os resultados no país.

Atenta ao crescimento do mercado de cafés especiais, a Cooxupé — assim como outras cooperativas — está apostando no segmento. Atualmente, ela comercializa três marcas: Evolutto, Prima Qualitá e Terraza. O Evolut-

to é o café torrado e moído tradicional, vendido em supermercados; o Terraza é um café em grãos e o Prima Qualitá enquadra-se na categoria especial. Além disso, todos os produtos da cooperativa têm o selo de pureza da Abic e certificação internacional de segurança FSSC 22000, que atesta o monitoramento de riscos físicos, químicos e biológicos durante a produção.

Senhor café

Outra cooperativa que também está apostando em cafés diferenciados é a Cooperativa de Cafeicultores e Pecuáristas (Cocapec). É dela a marca Senhor Café, que nasceu em 1989 — praticamente junto com a cooperativa — e, no início, era comercializada apenas regionalmente. O sabor marcante e a qualidade do produto levaram outras praças a buscarem pelo produto, que hoje é comercializado também em Porto Alegre, Blumenau, Curitiba, Belo Horizonte e Brasília.

“Com o Senhor Café, ficamos entre os 10 melhores cafés de São Paulo na categoria ‘Café Gourmet’ três vezes entre 2000 e 2015”, relata o gerente de Torrefação da cooperativa, Victor Alexandre Ferreira. Ele explica que a cooperativa tem duas outras marcas: o café Cocapec, vendido principalmente aos cooperados, e o café Tulha Velha, com grãos torrados e moídos, vendido nos supermercados da região.

Ainda de acordo com Victor, o que torna um café especial é a qualidade do grão. “Quando o produtor produz o café, há grãos que ficam maiores, que a gente chama de mais granados. Eles absorveram da árvore o máximo possível, têm todas as qualidades

possíveis. A gente faz uma usinagem em parte da sacaria trazida para a cooperativa e os grãos mais granados vão para a linha Senhor Café. Além da seleção de grãos, precisamos conseguir trabalhar e manipular esse café para não estragar no momento da torra, a fim de que consiga manter essas características”, esclarece.

A Cocapec também viu seu faturamento aumentar em 2020, por conta da pandemia. As vendas online dos produtos gourmet da cooperativa tiveram incremento de 50% com relação ao volume registrado em 2019. “Vendemos todos os tipos: almofada, cápsula, capuccino. Hoje temos cápsulas compatíveis com a [máquina] Nespresso. O volume de venda é menor, mas a agregação [de valor] é bem grande”, conclui Victor.

Outro sabor

Não falta diversidade aos cafés produzidos pelo cooperativismo. No noroeste do Espírito Santo, por exemplo, a Cooperativa Agrária dos Cafeicultores de São Gabriel da Palha (Coobriel), trabalha com o café conilon, uma variedade menos doce e mais marcante do que o arábica, que é um café suave.

“O clima capixaba não é propício para o café arábica. Como nosso estado é muito quente, o conilon se adapta melhor”, explica Luiz Carlos Bastianello, presidente da cooperativa. Hoje, a Coobriel trabalha com três produtos: o café torrado e moído, o café torrado em grãos da marca Guardiã e o café in natura. Para os mercados interno e externo.

De acordo com Bastianello, o lançamento do Guardiã aconteceu há pouco tempo, em 2019,



**“CULTURALMENTE O
BRASILEIRO TOMA MUITO
CAFÉ. É UM PRODUTO
FORTE, PROMISSOR E NÓS,
COOPERATIVISTAS, SOMOS UMA
REFERÊNCIA NO ASSUNTO.”**

Mário Panhotta
*superintendente de Torrefação
e Novos Negócios
da Cooxupé*

quando a assembleia geral da cooperativa decidiu que valia a pena investir no mercado de industrializados. Mesmo jovem, ele já é um café de 75 pontos na escala da Specialty Coffee America Association (SCAA). A partir de 80 pontos, o produto entra para o seletivo time dos cafés especiais.

“Nós não fazemos o e-commerce do produto ainda. Mas, desde que começou a pandemia, percebemos que houve um aumento do consumo do café. Agora as coisas se normalizaram”, destaca Bastianello, questionado sobre o impacto da pandemia sobre as vendas de café.

Para ele, as cooperativas têm potencial para crescer em um mercado competitivo como o do café, desde que continuem fiéis aos princípios do cooperativismo. “Eu bato muito na tecla que trabalhar sozinho em um negócio desse vulto não é fácil. Se as cooperativas têm uma força grande, por que não formar juntas uma indústria que poderia competir com as multinacionais ao redor? É isso que a gente prega no princípio cooperativista, que juntos somos mais fortes”, conclui. ■

NÚMEROS

Consumo de café no Brasil,
em 2020



Maior mercado mundial em volume
total de café como bebida quente



2º maior consumidor do mundo



4,79 kg

consumo médio de café torrado
per capita dos brasileiros



Você sabia?

Apesar de seu sabor marcante, o café conilon não é o mais consumido do Brasil. Aqui, os grãos do tipo arábica — mais doces e aromatizados — costumam ser mais apreciados. Entenda a diferença entre os grãos:

	CAFÉ CONILON	CAFÉ ARÁBICA
ORIGEM	Congo e Guiné	Etiópia
FORMATO	Grão arredondado	Grão oval
SABOR	Marcante e amargo	Adocicado com leve acidez
TEOR DE AÇÚCAR	Entre 3 a 7%.	Entre 6 e 9%,
TEOR DE CAFEÍNA	2,2%	1,2%



ELAS ESTÃO NO

1000er



CONHEÇA A
HISTÓRIA DE
CINCO MULHERES
PRESIDENTES DO
COOPERATIVISMO.
ELAS VENCERAM
O PRECONCEITO E
ESTÃO MOSTRANDO
AO MUNDO QUE
COMPETÊNCIA,
TALENTO E FORÇA
NÃO TÊM GÊNERO



Por Amanda Cieginski

O cooperativismo está ficando mais feminino. Hoje, as mulheres representam quatro em cada dez cooperados brasileiros, segundo dados do Anuário do Cooperativismo Brasileiro. Com paixão, empenho e profissionalismo, elas estão ajudando a construir um cooperativismo pujante em todos os cantos do país. Apesar do esforço e do crescimento da presença da mulher nas cooperativas, há um longo caminho a percorrer em busca de igualdade. É preciso ampliar a participação feminina nos conselhos e nas diretorias de empreendimentos cooperativos. Essa, aliás, foi eleita uma das prioridades do nosso movimento para os próximos anos pelos participantes do 14º Congresso Brasileiro do Cooperativismo (CBC).

Justamente por isso, nesta edição da **Saber Cooperar**, decidimos contar a história de cinco mulheres, uma de cada região do país, que foram pioneiras à sua maneira no cooperativismo e seguem provando que lugar de mulher também é nos mais altos cargos de uma empresa. Nas conversas, todas repetem palavras que representam um sentimento em comum: “privilégio”, “honra”, “alegria” e “gratidão” por poderem transformar a realidade de suas comunidades e levar o cooperativismo brasileiro ainda mais longe. Confira:

Nadjanécia: o doce sabor do sucesso

O município pernambucano de Triunfo, localizado no alto da Serra da Baixa Verde, é conhecido como “Oásis do Sertão”. A altitude mais elevada e as temperaturas amenas fazem com que ali seja uma terra “onde tudo que se planta, colhe”, define Nadjanécia Guerra, presidente da Cooperativa de Produção e Comercialização da Agricultura Familiar Orgânica Agroecológica (COOPCAFA). A organização, que reúne produtores de Triunfo e do município vizinho Santa Cruz da Baixa Verde, completou 10 anos em março, todos eles sob a liderança dela.

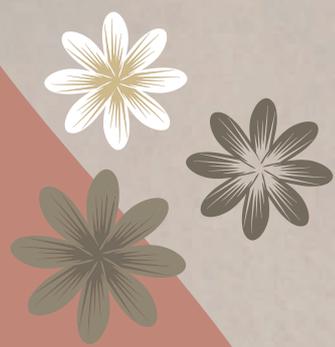
Nadjanécia tinha apenas 19 anos quando a antiga associação de produtores resolveu compor uma cooperativa. “Quando começou a se pensar nos grupos e diretorias, meu nome era um dos citados. Isso para mim foi uma surpresa grande porque, até então, eu não entendia muito de cooperativa. Mas aceitei o desafio de ajudar o grupo. Eles pensaram que, por eu ser jovem, poderia correr atrás de muitas coisas. E foi o que aconteceu”, lembra.

O carro-chefe da COOPCAFA é a cana-de-açúcar orgânica e



**“NÃO É SÓ PELA
VENDA, MAS POR
SABER QUE A GENTE
ESTAVA NA MESA DOS
PERNAMBUCANOS
EM UM MOMENTO
TÃO DIFÍCIL.”**

Nadjanécia Guerra
presidente COOPCAFA



seus derivados: açúcar mascavo, melaço e rapadura. O principal mercado da cooperativa ainda é o local, no estado de Pernambuco. Mas em 2020, mesmo diante das dificuldades econômicas impostas pela pandemia do novo coronavírus, a pequena cooperativa de apenas 40 associados rompeu fronteiras e levou seus sabores bem mais longe. Uma parceria garantiu a comercialização das rapaduras orgânicas em 20 lojas da rede de supermercados Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro e São Paulo. Foram 7.200 unidades do produto vendidas à rede no ano passado.

“Em 2020, as vendas alavancaram bastante. A gente pensou que ia ficar dentro de casa, em quarentena, mas na realidade trabalhamos muito, geramos renda para os cooperados e para o município”, conta Nadjanécia. Além da cana, a cooperativa também trabalha com produtos derivados de frutas como manga, acerola, goiaba e cajá. Também são matéria prima o inhame, a batata doce, cenoura, feijão, entre outros.

Outro braço importante da COOPCAFA são os contratos com governo federal, relacionados a políticas públicas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Desde sua fundação, a cooperativa fornece alimentos para a merenda escolar dos municípios da região e, com as escolas fechadas em razão da pandemia, pensaram que as vendas diminuiriam. Mas, junto com a prefeitura, os cooperados – liderados por Nadjanécia — tiveram a ideia de montar kits alimentares para serem entregues aos alunos. Garantiram, assim, o alimento na mesa de muitas famílias em um momento de tanta dificuldade.

“É uma sensação de orgulho, fico muito emocionada. Quando chegavam fotos das famílias recebendo a cesta de alimentos, com lágrimas nos olhos, foi muito gratificante. Saber que a gente está enviando para a casa delas uma alimentação saudável, produzida em uma região ainda pouco explorada, que é o sertão. Não é só pela venda, mas por saber que a gente estava na mesa dos pernambucanos em um momento tão difícil”, diz Nadjanécia.

Aos 29 anos, ela já acumula farta experiência à frente do negócio que transformou a vida dos produtores locais. Para os próximos anos, Nadjanécia tem como meta atrair mais jovens mulheres produtoras para o quadro de associados e concretizar um outro sonho: exportar a rapadura da COOPCAFA.

“Nunca imaginei que a gente chegaria a tantos quilômetros daqui. No início, quando a gente começa, achava que não vai tão longe, não sabia se ia dar certo. Mas quando você começa a entender a cooperativa, a se apaixonar e se engajar mais, aí você consegue ver além”, diz.



Maria: de estagiária a presidente

Apenas alguns passos separam a casa de Maria Nascimento da sede da OCB/Amapá, na capital, Macapá. Ela decidiu tornar-se vizinha da organização quando assumiu uma gerência da unidade estadual. “Eu acordo e durmo respirando cooperativismo. As pessoas já dizem que minha casa é um sub-núcleo da OCB”, brinca.

Tamanha dedicação trouxe frutos: aos 30 anos, Maria foi a primeira mulher eleita presidente de uma unidade estadual do Sistema OCB na região Norte. E ela sonha com voos ainda mais altos, como assumir posições de liderança em âmbito nacional, como conselheira ou quem sabe diretora da Casa do Cooperativismo.

O primeiro contato de Maria com o cooperativismo aconteceu há 11 anos, quando fez um curso de bombeira e passou a integrar uma coop de trabalho da capital amapaense. Nessa época, surgiu o nome de guerra Nascimento, pelo qual é conhecida até hoje. Ao longo dos anos, passou por vários cargos dentro da cooperativa, desde a limpeza até a presidência. Depois, virou prestadora de serviços do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) e, em 2015, conseguiu um estágio na OCB/AP.

“Depois de apenas 23 dias no estágio, eu assumi uma gerência. Talvez porque nunca tenha me visto como uma simples estagiária. Eu aprendi na prática mesmo a palestrar, a redigir uma ata, a fazer um atendimento na área

jurídica, na contábil. Esse conhecimento foi me dando muita experiência no trato com as pessoas”, lembra Maria.

Mesmo com a experiência acumulada em uma década de trabalho no cooperativismo, ela enfrentou a desconfiança de alguns sobre sua capacidade de presidir a OCB/AP. “Algumas pessoas me viam como muito jovem para ocupar o cargo. E eu ainda sou uma mulher negra, por isso o desafio foi muito maior. O mais gratificante é, em menos de um ano de mandato, já ouvir de algumas pessoas frases como ‘eu queria me desculpar com você porque agora vi que você era alguém capaz’. Desabafos como esse, de quem um dia não acreditou no meu trabalho, são a minha maior recompensa”, afirma.

Maria assumiu a presidência da OCB/AP em um ano difícil para todo o cooperativismo. Além da pandemia, em 2020 o estado sofreu com uma série de apagões elétricos que duraram dias, afetaram a economia e a qualidade de vida da população. A estratégia foi mobilizar as cooperativas para apoiar quem estava em necessidade — especialmente os cooperados do ramo transporte e saúde, que foram mais prejudicados. Foram várias campanhas de arrecadação de alimentos para fazer o que ela chama de “equilíbrio da balança”, entre as cooperativas que conseguiram se manter e aquelas que passam por mais dificuldade.

“Tudo que faço, seja no trabalho, em casa ou na igreja, tem que ter um impacto na vida das pessoas. A minha maior razão de ser presidente do sistema OCB/AP é, com esse status, poder fazer a diferença na vida das pessoas”, diz.

“A MINHA MAIOR RAZÃO DE SER PRESIDENTE DO SISTEMA OCB/AP É, COM ESSE STATUS, PODER FAZER A DIFERENÇA NA VIDA DAS PESSOAS.”

Maria Nascimento
da sede da OCB/Amapá



Idilse: colhendo os frutos

Iniciativas de inclusão feminina são como um plantio: é preciso semear para colher os frutos lá na frente. Na década de 80, a Cooperativa de Produção e Consumo de Concórdia (Copérdia), em Santa Catarina, deu início a uma ação pioneira ao criar os núcleos femininos, que existem até hoje. Na época, os grupos reuniam principalmente as esposas dos associados, líderes das suas comunidades, para discutir a gestão da cooperativa e o dia a dia dos produtores.

Criadora de suínos e, na época, esposa de um dos cooperados, Idilse Mosel, 56 anos, se encantou pelo movimento a partir da participação nesses núcleos. Liderança feminina desde 1986, ela seguiu engajada nos trabalhos até ser eleita, em 2005, a primeira mulher a participar do conselho fiscal da cooperativa.

“EU ME CANDIDATEI A UMA VAGA NÃO PARA TIRAR ESPAÇO DOS HOMENS, MAS PARA MOSTRAR QUE NÓS MULHERES TAMBÉM PODÍAMOS FAZER ESSE TRABALHO QUE ERA EXCLUSIVO DOS HOMENS. E A GENTE CONSEGUIU PROVAR QUE O TRABALHO ANDOU DO MESMO JEITO.”

Idilse Mosel

Cooperada há 35 anos da Copérdia, Idilse lembra que as mulheres desse movimento pioneiro receberam alguns “olhares atravessados” quando começaram a ocupar os espaços, mas não sentiu dificuldade na missão porque sempre viu homens e mulheres com igualdade. “Eu me candidatei a uma vaga não para tirar espaço dos homens, mas para mostrar que nós mulheres também podíamos fazer esse trabalho que era exclusivo dos homens. E a gente conseguiu provar que o trabalho andou do mesmo jeito”, lembra.

Atualmente, Idilse faz parte do Conselho de Administração, no seu segundo mandato. Ela avalia que hoje há muito mais oportunidades de crescimento para as mulheres no cooperativismo, mas ainda há muito a conquistar. “Nós temos espaço, mas no Conselho de Administração, por exemplo, somos só duas mulheres entre 12 pessoas. Ainda temos muito caminho a percorrer, inclusive nas diretorias executivas”, compara.

Os núcleos femininos continuam funcionando a pleno vapor, mesmo durante a pandemia. Atualmente o projeto atende a cerca de 4,5 mil participantes em 93 núcleos que desenvolvem atividades periódicas com as mulheres em 24 municípios gaúchos e catarinenses em que a Copérdia atua. Idilse destaca a capacidade mobilizadora da mulher, que leva junto com ela o marido, os filhos e toda a comunidade para se envolver no trabalho.

“Tenho muito orgulho do sistema cooperativo e gratidão pela Copérdia ter criado esses núcleos femininos, porque daquela sementinha que foi plantada, lá em 1988, a gente está colhendo frutos até hoje. Através da inclusão das mulheres no seu quadro social, nos seus conselhos, ela conseguiu transformar não só a minha vida, mas da minha família, da comunidade e dos municípios onde ela atua”.





Vânia Lúcia: o café delas

“SEMPRE TIVE CONSCIÊNCIA, QUANDO ENTREI NA PRESIDÊNCIA, DE QUE EU TERIA QUE TRABALHAR MUITO MAIS DO QUE OS OUTROS PRESIDENTES, QUE ERAM HOMENS, PARA PROVAR QUE EU ERA CAPAZ.”

Vânia Lúcia Silva
presidente da cooperativa Coopfam

A história das mulheres da Cooperativa de Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região (Coopfam) combina com uma xícara de um bom café: forte e inspiradora. A presidente da cooperativa, Vânia Lúcia Silva, 48 anos, é um exemplo desse caminho feminino de conquistas. Sua história no cooperativismo começou quando a Coopfam ainda era uma associação de produtores de café orgânico. Assim como outras mulheres, ela acompanhava o marido nas reuniões e, o que era um grupo de amigas, tornou-se uma rede de mobilização.

“A gente ficava ali do lado de fora aguardando os maridos e formou-se um grupo. Começamos a buscar formações, cursos de pintura em tecido, de compotas, para buscar uma fonte de renda. E dessas conversas nos cursos foi despertando o interesse em participar ativamente dos trabalhos da associação”, lembra Vânia.

Com a formalização da cooperativa, em 2003, a vontade de participar cresceu e em 2006 foi oficialmente criado o grupo MOBI - Mulheres Organizadas em Busca de Igualdade.

“No período em que a cooperativa foi formalizada, uma das nossas colegas ficou viúva e precisou assumir toda a responsabilidade da propriedade dela e entrar como cooperada. Quando teve a primeira assembleia, ela ficou bastante insegura, porque as

mulheres não participavam. Então, algumas mulheres foram acompanhá-la, o grupo ganhou força e mais mulheres passaram a ser cooperadas a partir disso”, conta.

A atuação do grupo cresceu em diversas frentes e, em 2016, Vânia foi indicada pelo MOBI a concorrer a uma vaga na diretoria, tornando-se vice-presidente da Coopfam. Em 2018, chegou a hora de disputar a presidência. “Enfrentei muitos preconceitos, esse ainda é um mundo muito masculino. Porque são produtores rurais, a maneira como foram educados é aquela mentalidade de que a mulher não é capaz. A insegurança foi muito grande por parte de alguns cooperados, principalmente dos mais velhos, os pioneiros. Eles tinham medo de deixar a cooperativa nas mãos de uma mulher”, conta. Mesmo com a resistência, Vânia foi eleita e, com muita dedicação, mostrou que competência não tem gênero.

“Temos que buscar nosso espaço, mas é mostrando resultados - eu ainda não vejo outra forma. Infelizmente temos que ficar provando o tempo todo. Sempre tive consciência, quando entrei na presidência, de que eu teria que trabalhar muito mais do que os outros presidentes, que eram homens, para provar que eu era capaz”, compara.

As mulheres seguem ocupando espaços nos conselhos da Coopfam e também no portfólio de produtos: uma das marcas da cooperativa é o Café Feminino, que busca valorizar o papel da mulher na produção do grão. “A cooperada e a esposa do cooperado participam de todo o processo





“SOU A ÚNICA MULHER NA PRESIDÊNCIA DE UMA CENTRAL, NÃO SÓ DO SICOOB, MAS ACHO QUE DE TODO SISTEMA COOPERATIVISTA DE CRÉDITO.”

Aifa Naomi
comanda o Sicoob Central Rondon

da produção do café. Desde o manejo, mas principalmente no pós-colheita. Ela influencia muito na questão da qualidade do café, já que ela tem todo esse cuidado”. É um café especial, com notas que remetem ao chocolate, leite e mel — traz sabor de conquista e renda às produtoras.

“Nós queremos caminhar lado a lado com os nossos maridos, com os nossos colegas de trabalho, de mãos dadas, nunca à frente, sempre somando forças. Contribuindo para que, juntos, a gente construa uma comunidade melhor, uma cooperativa mais fortalecida e mais qualidade de vida para as nossas famílias”, define Vânia.

Aifa:
pioneirismo desde a fundação

Há 23 anos ela participava da criação de uma cooperativa de crédito em União (MT). Hoje, é a primeira e única mulher presidente das 16 Centrais do Sicoob. Há seis anos, a economista Aifa Naomi comanda o Sicoob Central Rondon, que abrange quase 84 mil cooperados com oito filiais no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia.

“Sou a única mulher na presidência de uma central, não só do Sicoob, mas acho que de todo sistema cooperativista de crédito. Porque con-

verso com outras entidades e nunca encontrei outra mulher em cargo desse nível”, conta Aifa. Concomitante ao Sicoob Central Rondon, ela também preside a cooperativa Sicoob União (MT), que ajudou a fundar.

Na cooperativa, há mulheres na diretoria e conselhos, mas ainda ocupam cerca de 20% a 30% do corpo de gestão, segundo Aifa. “Não é uma ideia machista, mas em outras épocas havia menos interesse da mulher em ocupar esses espaços. Quando havia a oportunidade, às vezes ela declinava porque queria priorizar a família e os filhos. Hoje a gente percebe em nossas funcionárias que elas são muito mais interessadas em participar e se preparar”, diz.

Para Aifa, a chave para enfrentar o ambiente masculino é estar sempre preparada e ter domínio do tema. “Eu não dou nem a oportunidade de eles acharem que eu não estou preparada. Isso deixa a gente insegura. Tenho muita certeza porque me preparo muito. Com certeza, não são todos que estão ali torcendo por você, porque nossa cultura é machista. Você tem que focar no que você quer, com certeza do está falando”, diz.

Ela quer aproveitar sua posição hoje no sistema para criar iniciativas que possam apoiar a mulher a ir mais longe no cooperativismo. “Por exemplo, pensar em um programa em que a mulher que teve bebê possa automaticamente ficar em home office, desde que o setor que ela esteja permita. Ações protetoras, porque não é fácil mesmo, a mulher tem mais funções”, diz. No Sicoob União, em cursos de formação de lideranças, já é obrigatório um percentual mínimo de participação de mulheres.

O trabalho é duro, mas a motivação de Aifa vem de saber que, com o



cooperativismo, ela consegue impactar - e transformar - pessoas e comunidades. "Quando a gente se instala em um local para montar uma agência, contrata pessoas da região. Se o município faz uma quermesse ou uma feira, o Sicoob está lá apoiando. Nós somos como se fossemos da família do município. A cadeia econômica gira. Como economista, a gente sonha em fazer isso, sabe? A gente alcança isso no cooperativismo de uma forma muito tangível", diz. ■

ALGUNS NÚMEROS

A participação feminina na cooperação é diferente em cada parte do país:

CEARÁ E AMAZONAS são os estados em que a presença delas é maior, inclusive superando a masculina:

55% e 61%

Entre os ramos, destacam-se os segmentos de **CONSUMO E SAÚDE**:

51% dos cooperados.

Os ramos **AGRO E TRANSPORTE** são ainda majoritariamente masculinos:

85% e 89% dos participantes são homens, respectivamente.

Fonte: Anuário do Cooperativismo Brasileiro 2020.

Conheça algumas outras pioneiras do cooperativismo

Eliza Brierly

A primeira mulher a ingressar em uma cooperativa de que se tem notícia foi a inglesa Eliza Brierly, que em 1846 fazia parte da Cooperativa dos Pioneiros de Rochdale, na Inglaterra. Ela era tecelã e a única mulher do grupo, formado por 28 membros. A famosa cooperativa de Rochdale, considerada líder do cooperativismo moderno, também foi pioneira ao permitir que mulheres e homens participassem juntos da organização. Naquele período, as mulheres não tinham direitos legais nem civis.

Pauline Green

Primeira mulher a presidir a Aliança Cooperativa Internacional (ACI), ela foi eleita em 2009, após 115 anos da fundação da organização. Inglesa, Pauline Green foi também presidente da ACI Europa e abriu espaço para outras mulheres na organização. Depois dela, a canadense Monique Leroux foi eleita em 2015.



TEM BRASILEIRO NA DISPUTA PELO

Nobel da Paz



Por Lílian Beraldo

Um brasileiro apaixonado pelo cooperativismo pode ser o ganhador do Prêmio Nobel da Paz deste ano. Aos 84 anos, o ex-ministro da Agricultura Alysso Paolinelli baseou sua carreira na ciência, no conhecimento e na inovação. Grande apoiador da formação de jovens pesquisadores, ele trabalhou pelo fortalecimento da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e é um dos grandes responsáveis pela maior revolução tropical agrícola da história: a que tornou viável a produção de grãos, em larga escala, no Cerrado brasileiro.

“O Brasil merece um Prêmio Nobel pelo que tem feito. Hoje, o país pode oferecer tranquilidade

ao mundo em relação à sustentabilidade da alimentação, mesmo com as projeções de crescimento de população e renda”, destacou Paolinelli, que é engenheiro agrônomo.

A indicação do agrônomo ao Nobel da Paz deve-se à sua contribuição para tornar o Cerrado brasileiro um local propício ao plantio (o que era considerado impossível) e pelo aumento exponencial de oferta de alimentos decorrente dessa mudança — fato que ampliou significativamente a **segurança alimentar global**.

Na avaliação da Fundação Nobel, existe uma importante conexão entre o combate à fome e a cultura da paz. Afinal, para termos um mundo de paz e estabilidade, é



A segurança alimentar é definida pela Organização para a Alimentação e Agricultura (FAO) como uma “situação na qual todas as pessoas, em todos os momentos, têm acesso físico, social e econômico a alimentos que atendam às suas necessidades nutricionais”.

preciso que todos recebam a mais básica das dignidades humanas: o alimento de que precisam para viver.

O último agrônomo a vencer um Nobel da Paz foi o norte-americano Norman Borlaug, em 1970, famoso por seus trabalhos de combate à fome ao redor do mundo.

Apoio acadêmico

O nome de Paolinelli foi protocolado no Conselho Norueguês do Nobel pela Universidade de São Paulo (USP), mas a indicação contou com o apoio de instituições científicas ligadas ao agropênis de 24 países — entre elas, a nossa OCB.

Além de um dossiê com a história de Paolinelli, o diretor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP), Durval Dourado Neto, entregou 119 cartas de apoio ao pleito, feitas por instituições brasileiras e internacionais.

Em unísono, elas destacam que, se hoje o Brasil é uma potência agrícola mundial e tem papel relevante em fornecer alimentos para o mundo, isso se deve, em parte, à liderança, ao entusiasmo e à capacidade de reunir talentos de Paolinelli.

“Muito foi feito por ele para que a agricultura brasileira chegasse onde chegou. A indicação a esse prêmio é, na verdade, para o Brasil; por isso, convido todos os brasileiros a apoiarem essa iniciativa tão importante para o país”, destacou Dourado Neto, durante entrevista coletiva que referendou o nome do engenheiro.

Grande entusiasta da indicação de Paolinelli ao Nobel, o embaixador especial da FAO (Organização Nações Unidas para a

Alimentação e a Agricultura) para as cooperativas, Roberto Rodrigues, concorda com o colega da USP e completa: Paolinelli é o pai da moderna agricultura brasileira e tudo o que fez foi com base em ciência.

“Um Nobel da Paz para ele é um Nobel da Paz para o Brasil e para a agricultura sustentável”, defendeu Rodrigues.

Modesto, o indicado acredita que o prêmio seria um coroamento ao trabalho de muitos brasileiros. “Pessoalmente, recebi com muita honra e carinho [a indicação ao Prêmio Nobel], porque ela partiu dos meus companheiros. Eu tenho certeza de que se eu ganhar, eles também estão ganhando”, disse o mineiro de prosa boa e farto conhecimento, em entrevista à **Saber Cooperar**.

História de luta

A preocupação com a sustentabilidade e com formas de melhorar o processo de produção de alimentos sem agredir o meio ambiente sempre foi a marca do trabalho de Paolinelli.

Mineiro de Bambuí, formado pela Universidade Federal de Lavras — à época, Escola Superior de Agronomia de Lavras (Esal) —, ele foi secretário de Agricultura de Minas Gerais (1971) e criou incentivos e inovações tecnológicas que transformaram o estado no maior produtor de café do Brasil.

Três anos depois, em 1974, ele assumiu o Ministério de Agricultura, iniciando um período de políticas marcantes para o setor e para o desenvolvimento do Centro-Oeste brasileiro.

“Nessa época, o Brasil era um importador de alimentos. Importávamos um terço do que consumíamos. Isso pesava demais [na balança comercial]. Nós tínhamos 50% da população nas cidades, e a metade rural não dava conta de abastecer a metade urbana. O Brasil dependia de importar alimentos”, relembra.

Durante os cinco anos à frente do ministério, ele estruturou a Embrapa e atraiu profissionais de renome da academia e de órgãos de assistência técnica. Foi também o responsável por montar uma política pública ousada, baseada na ciência, na tecnologia, na assistência técnica, na extensão rural e no crédito orientado para criação de um centro de desenvolvimento do cerrado brasileiro.

Nesse período, implantou um inédito programa de bolsas de estudos para estudantes brasileiros nos maiores centros de pesquisa em agricultura do mundo. O objetivo era ousado: concentrar as melhores mentes brasileiras em torno de pesquisas para descobrir e desenvolver soluções para o Cerrado e para a região tropical. O orçamento até hoje faz os olhos brilharem: US\$ 200 milhões.

“O Brasil formou, de uma vez só, uma equipe muito competente que conseguiu criar, em menos de 20 anos, a primeira agricultura tropical, sustentável e competitiva do mundo. Os trópicos, até então, não eram capazes de abastecer as demandas mundiais. Só conseguiam fazer isso com produtos tropicais, como era o caso do café, do cacau, da borracha e da madeira. E o Brasil mudou esse cenário”, destacou.



Tecnologia para crescer

Na opinião de Paolinelli, a pesquisa científica e a busca por inovação foram elementos fundamentais para alcançar esses resultados. Segundo ele, qualquer país que quer se desenvolver precisa criar tecnologia e conhecimento.

“A Emater [Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural] já estava criada e foi o órgão encarregado de captar e transferir ao produtor as tecnologias mais adequadas para transformar o Brasil em uma potência alimentar”, afirma.

Antes de Paolinelli, a agricultura brasileira era incipiente. Depois dele, o Brasil deixou de ser importador de alimentos e passou a ser exportador. “A entrada no mercado internacional só ocorreu porque passamos a ocupar o Cerrado – que era conhecido como uma terra degradada e infértil – e conseguimos transformá-lo em uma área produtiva e competitiva”, complementa o ex-ministro.

Cooperativismo na veia

Alysson Paolinelli é um forte aliado do cooperativismo. Não é à toa que o Sistema OCB apoiou a indicação de seu nome ao Nobel.

“Eu tenho confiança muito grande no cooperativismo. É um sistema que valoriza o homem pelo trabalho e pelo produto que é capaz de produzir; um sistema produtivo capaz de fazer com que o pequeno, o médio e o grande produtor tenham a mesma capacidade competitiva. É um modelo importantíssimo para o desenvolvimento de qualquer país”, destacou.

Ele enumera ainda alguns entraves do setor rural — como a distância entre as propriedades e os problemas de armazenamento e processamento — que são minimizados com o esforço integrado de um sistema com o cooperativo.

“O cooperativismo fez marca no Brasil. O país precisa ampliar a sua mentalidade associativista”, enfatizou.

Alysson Paolinelli, indicado ao Nobel da Paz, em dois momentos: quando era ministro, na década de 70, e com a equipe da Abramilho



Novos caminhos

A revolução agrícola que tornou o Brasil um grande exportador de alimentos ainda está dando os primeiros passos. “Agora é que estamos achando o nosso caminho”, diz, entre risadas, o engenheiro agrônomo.

Hoje, entregamos na hora em que o mercado precisa um produto de melhor qualidade e mais barato. “O Cerrado produz trigo, soja, milho, algodão, frutas e legumes. Tudo a um preço mais barato e melhor que os outros países produtores”, analisa.

Como nova fase dessa revolução, ele menciona os estudos avançados em biotecnologia que farão o país produzir defensivos, fertilizantes e pesticidas.

“O Brasil ainda é dependente de fertilizante, de produtos químicos. E a biotecnologia vai trazer nossa independência. Estamos caminhando. Brasil e Holanda são os países mais desenvolvidos em biotecnologia no mundo. E isso é muito importante. É a nova fase. Esse vai ser o nosso terceiro salto: em biotecnologia.”

Vontade de ajudar mais

O Nobel da Paz não seria o primeiro prêmio internacional conquistado pelo ex-ministro. Por garantir mais qualidade e aumentar a quantidade de alimentos no mundo, em 2006, Alysson Paolinelli foi agraciado com o *World Food*

Prize, prêmio que equivale ao Nobel da Alimentação. O feito foi alcançado graças ao trabalho de Paolinelli ao lado do pesquisador Edson Lobato, da Embrapa, que ajudou a transformar o Cerrado brasileiro em um dos mais produtivos celeiros do mundo.

Mesmo com uma biografia consolidada, Paolinelli tem planos de continuar contribuindo com o crescimento e o desenvolvimento do país.

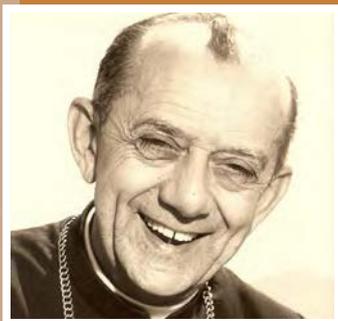
“Temos outras iniciativas para a gente poder ajudar o país”, destaca, referindo-se ao Instituto Fórum do Futuro, do qual é presidente, grupo de reflexão independente que reúne notáveis e é voltado para o debate de questões estruturantes da sociedade brasileira, a partir da perspectiva do desenvolvimento sustentável. ■

Sobre o Nobel

O Prêmio Nobel da Paz é outorgado pelo Comitê Norueguês do Nobel, responsável pelas normas de indicação, pela seleção dos candidatos elegíveis e pela escolha final do(s) ganhador(es). É o único Nobel que ocorre fora da Suécia, país onde a premiação foi criada.

A premiação é concedida em Oslo, capital da Noruega, e o Comitê é composto por cinco membros nomeados pelo parlamento norueguês. O vencedor da edição 2021 será anunciado em 8 de outubro e a solenidade de premiação ocorrerá em dezembro.

O ganhador do Nobel da Paz recebe um diploma, uma medalha e um prêmio no valor de 10 milhões de coroas suecas (cerca de R\$ 6,5 milhões). ■



DOM HÉLDER CÂMARA

Ex-arcebispo de Olinda e do Recife, teve quatro indicações ao Nobel da Paz durante a década de 1970, por conta de sua atuação humanitária e contrária à ditadura militar. Apesar de apresentar todos os pré-requisitos para ganhar a honraria, não recebeu o prêmio, devido à intervenção do governo militar – como aponta dossiê que reúne diversas correspondências trocadas por autoridades entre os anos de 1970 e 1973.



BARÃO DO RIO BRANCO

Advogado, diplomata e historiador, José Maria da Silva Paranhos Júnior nasceu em 1845. Mais conhecido como Barão do Rio Branco, participou de diversas negociações envolvendo as fronteiras brasileiras. Foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz em 1911.



CHICO XAVIER

Médium e filantropo, Francisco de Paula Cândido Xavier nasceu em 1910, na cidade de Pedro Leopoldo (MG), e tornou-se um ícone do espiritismo. Psicografou mais de 450 livros e foi considerado o maior líder espiritual no Brasil. Chico Xavier foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz nos anos de 1981 e 1982.

Conheça alguns brasileiros indicados ao Prêmio Nobel da Paz

Desde a criação do Nobel da Paz, em 1895, ao menos 15 brasileiros foram indicados à honraria. Confira alguns deles:



IRMÃ DULCE

Considerada o “anjo bom da Bahia”, a católica brasileira nasceu em Salvador no ano de 1914 e realizou diversos trabalhos de caridade e assistência às pessoas mais pobres e necessitadas. Foi indicada ao Nobel da Paz em 1988, pelo então presidente, José Sarney. Ela não ganhou o Nobel, mas foi canonizada com o título de Santa Dulce dos Pobres pelo Papa Francisco, em outubro de 2019.

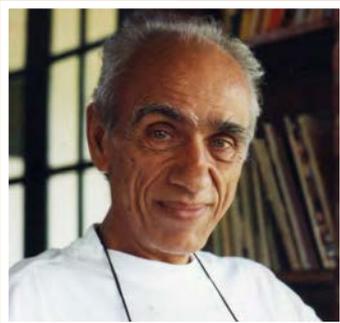


DOM PAULO EVARISTO ARNS

Conhecido como o “Cardeal da Esperança”, foi um dos principais nomes na luta contra a ditadura. Paulo Evaristo Arns nasceu em 1921, em Forquilha (SC), e se tornou padre em 1945. Durante dez anos, deu assistência à população carente de Petrópolis (RJ). Em 1972, criou a Comissão Brasileira Justiça e Paz, da Diocese de São Paulo, para denunciar os abusos do regime militar e, em 1985, criou a Pastoral da Criança, com a irmã Zilda Arns. Sua indicação ao Prêmio Nobel da Paz ocorreu em 1989.

HERBERT DE SOUZA, O BETINHO

Sociólogo brasileiro, realizou diversas atividades em defesa dos direitos humanos. Foi o fundador do Instituto Brasileiro de Análise Social e Econômica (IBASE), voltado para a democratização da informação, e realizou ações contra a fome e a miséria. Foi indicado ao Nobel da Paz em 1994.



MARIA DA PENHA

Farmacêutica, Maria da Penha Maia Fernandes nasceu em 1945, em Fortaleza (CE), e hoje é ícone da luta contra a violência doméstica. No início da década de 1980, sofreu duas tentativas de homicídio do então marido e lutou por 19 anos na Justiça até vê-lo preso. Inspirou a criação da Lei nº 11.340/2006 – a Lei Maria da Penha, de combate à violência doméstica. Foi indicada ao Prêmio Nobel da Paz em 2017.



ZILDA ARNS

Médica pediatra e sanitarista, Zilda Arns Neumann nasceu em 1934 e foi fundadora da Pastoral da Criança e da Pastoral da Pessoa Idosa. A Pastoral da Criança teve duas indicações ao Nobel da Paz, e Zilda recebeu sua indicação no ano de 2006.

UM JEITO ÚNICO DE

cuidar

Por Lílian Beraldo

Sorridente, bom ouvinte e sempre disposto a investir no desenvolvimento das pessoas. Essas são apenas algumas das qualidades de Luiz Paulo Tostes Coimbra, 66 anos, presidente da Unimed Volta Redonda (RJ), eleito o CEO mais incrível do Brasil, entre empresas de grande porte, no prêmio Lugares Incríveis para Trabalhar 2020 — uma iniciativa da Fundação Instituto de Administração (FIA) e do UOL.

No comando da cooperativa desde 2002, Coimbra atribui esse prêmio ao que ele chama de Jeito Unimed de Cuidar (JUC) — um movimento cooperativo baseado em três grandes atributos: gentileza, respeito e competência.

“Em 2008, iniciei um movimento na cooperativa, de entender o que era valor para os nossos clientes, cooperados e colaboradores. Por meio da análise de diversas informações, identificamos que o nosso ambiente e a nossa cultura

eram o nosso grande diferencial. Aproveitamos, então, para assumir publicamente esse compromisso com todos os que se relacionam conosco”, explica.

Desde então, o JUC é o grande pilar da cultura institucional da Unimed Volta Redonda. “Assumimos a nossa identidade quando somos **gentis**, quando **respeitamos** as demandas que chegam pra gente e quando desejamos construir **competência** para cuidar das pessoas”, completa o executivo.

Reconhecimento dos pares

A proximidade com colaboradores e cooperados é outra marca do presidente da Unimed Volta Redonda. “Quando a cooperativa tinha menos colaboradores, eu sabia e fazia questão de chamar todos pelo nome. Hoje já são mais

de 1.900 pessoas; não consigo saber o nome de todo mundo, mas continuo fazendo questão de ter uma gestão próxima, transparente, aberta ao diálogo e ao compartilhamento de ideias”, enumera o pneumologista.

Coimbra não esconde o orgulho e a felicidade de ter sido eleito por uma pesquisa feita com os próprios colaboradores e acredita que isso é fruto de um trabalho pautado na empatia e no desejo de cuidar bem das pessoas.

“Mesmo nos momentos difíceis, como gestor, o investimento no desenvolvimento das pessoas (colaboradores e médicos cooperados) sempre foi mantido. Acredito, fortemente, que isso está diretamente relacionado aos excelentes resultados obtidos pela cooperativa, ano após ano, além de ser a melhor garantia do cumprimento do nosso fundamento (gerar trabalho e renda para o cooperado, com sustentabilidade para a cooperativa) e do nosso propósito (cuidar da saúde e do bem-estar das pessoas).”

A professional portrait of a middle-aged man with short, graying hair, wearing teal-rimmed glasses, a dark navy blue suit jacket, a white dress shirt, and a red tie with a small, repeating pattern. He is standing with his arms crossed, looking directly at the camera with a slight smile. The background is a plain, light-colored wall.

**PRESIDENTE DA UNIMED
VOLTA REDONDA É
ELEITO O CEO MAIS
INCRÍVEL DO BRASIL, NA
CATEGORIA EMPRESAS
DE GRANDE PORTE**



“ELE TEM UMA MENTE ‘FORA DA CAIXA’. EM DEZ MINUTOS DE CONVERSA, VOCÊ TEM *INSIGHTS* PARA O RESTO DA VIDA. É UMA PESSOA SENSACIONAL, SEMPRE DISPOSTA A MOTIVAR OS FUNCIONÁRIOS. EU ADMIRO MUITO A POSTURA DELE COMO GESTOR.”

Luana Andrade
analista de marketing

De acordo com a pesquisa *Lugares Incríveis para Trabalhar 2020*, 87% dos funcionários da Unimed Volta Redonda afirmaram conhecer o CEO e 77% confiam totalmente nele. Além disso, 85% avaliam sua gestão como excelente ou muito boa. A premiação de CEO mais Incrível levou em consideração entrevistas realizadas com 150 mil funcionários de mais de 300 empresas brasileiras, entre agosto e setembro do ano passado.

Abrindo a casa

Para a analista de marketing Luana Andrade, 29 anos, a postura de Coimbra — sempre aberto a novas ideias e incentivador do crescimento pessoal e profissional dos funcionários — deveria ser exemplo para gestores de todo o Brasil.

“Ele tem uma mente ‘fora da caixa’. Em dez minutos de conversa, você tem *insights* para o resto da vida. É uma pessoa sensacional, sempre disposta a motivar os funcionários. Eu admiro muito a postura dele como gestor”, admite a funcionária, que deixou a direção de criação de uma agência de publicidade para compor o quadro da Unimed Volta Redonda há um ano e dez meses.

A conversa franca e a relação fácil com os funcionários já são marca de Coimbra. Sabendo da fama, o marido de Luana, Carlos Augusto Mesquita, também funcionário da Unimed Volta Redonda, fez um convite desprezioso ao chefe: que ele participasse do *podcast* Ap. 301 – um programa de entrevistas sobre assuntos diversos – conduzido pelo casal, com a ajuda do amigo e também funcionário da cooperativa Eduardo Mota. E ele participou.

“Ele foi na minha casa, brincou com os peixes do meu aquário, participou do *podcast* – que nem é famoso –, contou a história da vida e da infância dele, numa conversa com os funcionários”, lembra Luana, sem disfarçar o encantamento. “É assim que ele é: sempre acessível”.

“À MEDIDA QUE VIVENCIAVA A GESTÃO, ESTUDAVA NOVAS METODOLOGIAS, FAZIA CURSOS, FREQUENTAVA ATIVIDADES DE EDUCAÇÃO CORPORATIVA E MBA EXECUTIVO; ASSIM, FUI DESCONSTRUINDO E CONSTRUINDO MINHAS COMPETÊNCIAS.”

Luiz Paulo Tostes
presidente da Unimed
Volta Redonda (RJ)

Sangue verde

Quem também é fã incondicional do presidente da Unimed Volta Redonda é a supervisora do setor Relacionamento com a Rede, Josiane Aparecida Teixeira, 41 anos — 18 deles dedicados à Unimed. “Trabalhar com ele é sensacional. Ele tem uma alma e um coração bons. É uma pessoa simples, acessível e que nos impulsiona”, garante.

Ela afirma que, apesar do cargo que ocupa e do status, Coimbra se importa de verdade com os outros. Ele é um visionário e um empreendedor nato.

“Não tem como ficar desmotivado olhando pra ele. A gente brinca, na Unimed, que tem o sangue verde [em referência à cor da marca] e é ele quem bombeia esse sangue pra gente”, declara.

A preocupação do CEO com o desenvolvimento pessoal e profissional dos colaboradores é comprovada por Josiane. “Eu sou exemplo disso. Entrei na cooperativa como auxiliar de serviços gerais, tendo concluído apenas a 8ª série. Não tinha muita perspectiva de crescimento profissional quando entrei. Hoje, estou concluindo o meu MBA em Gestão Inovadora, oportunizado pela Unimed. Ele investe muito no funcionário e tenho certeza que isso foi fator primordial para que eu buscasse novos horizontes. Além disso, ele sempre trata todo mundo com respeito e gentileza”, diz Josiane, que concluiu o ensino médio e a graduação em Gestão de Pessoas com o apoio da cooperativa.

Trajetória

Nascido em Miracema, também no estado do Rio de Janeiro, Luiz Paulo Tostes Coimbra participou da fundação da Unimed Volta Redonda, em 1989, mas só começou a integrar a gestão no início dos anos 2000, quando compôs o Conselho Fiscal. Em 2002, foi eleito presidente da cooperativa, uma singular já de médio porte, com cerca de 42 colaboradores e 350 cooperados que, nos cinco anos anteriores, tinha enfrentado duas situações muito conflituosas e traumáticas: a destituição e exclusão de um presidente; e a intervenção fiscal da Agência Nacional de Saúde (ANS).

“Nosso primeiro desafio foi reconquistar a confiança dos colaboradores e dos cooperados, para implementar uma gestão participativa e eficiente. Durante o processo eleitoral, nossa diretoria estabeleceu dez metas para serem cumpridas nos quatro anos de mandato. Cumprimos todas no primeiro ano”, relembra.

A partir daí, o médico — e agora gestor — investiu no desenvolvimento dos cooperados e colaboradores, e na construção de uma cultura de engajamento e cooperação. Após alguns anos na presidência da Unimed Volta Redonda, Coimbra passou a se dedicar integralmente ao cooperativismo. Deixou de dar aulas na Faculdade de Medicina do Centro Universitário de Volta Redonda (UniFOA), e de atuar no hospital público municipal e no consultório particular.

“À medida que vivenciava a gestão, estudava novas metodologias, fazia cursos, frequentava atividades de educação corporativa e MBA Executivo; assim, fui desconstruindo e construindo minhas competências.”

Crescimento e futuro

Hoje, com 462 cooperados e 1,9 mil colaboradores, a Unimed Volta Redonda cresceu e ampliou sua área de atuação, atendendo também os municípios de Angra dos Reis e Paraty.

“Construímos um hospital em Volta Redonda, que virou referência estadual em alta complexidade e qualidade assistencial. Temos ainda um hospital em Angra dos Reis, de menor complexidade, e cinco unidades ambulatoriais, chamadas de Centro Cuidar, em Volta Redonda, Angra e Paraty.”

Além das unidades assistenciais, que continuam recebendo investimentos para sustentar o crescimento da cooperativa, o dirigen-

te gosta de destacar a criação do Instituto Lóbus, focado em treinamento, ensino e pesquisa.

“Criada para o treinamento de nossos colaboradores da assistência, a unidade logo assumiu uma importante função de disseminação de conhecimento, à medida que começamos a enxergar oportunidades de levar treinamentos e conteúdos relevantes ao mercado. Hoje, o Lóbus é uma Unidade de Negócio, e realizamos diversos treinamentos para outras instituições da área da saúde.”

Cuidados extras

Durante a pandemia, a Unimed Volta Redonda redobrou seu cuidado também em relação à comunidade. Em uma parceria com a prefeitura, a cooperativa custeou o trabalho de médicos em um

Centro Especializado de Doenças Respiratórias — unidade exclusiva para atendimento de pessoas com sintomas de Covid-19.

“Por causa do início da crise sanitária, decidimos ampliar nossa capacidade assistencial, com o aumento do número de colaboradores e de médicos. Com isso, intensificamos o cuidado com as pessoas e também com a sustentabilidade da cooperativa”, pondera.

Mais recentemente, em abril, essa parceria foi ampliada, agilizando o diagnóstico e o tratamento da doença, fornecendo teste laboratorial de antígeno com resultado em até duas horas, e atendimento médico *on-line* (teleconsulta) para a população com sintomas gripais, em conjunto com a Conexa — plataforma de telemedicina que facilita a conexão entre médicos e pacientes.

Unidade ambulatorial da Unimed Volta Redonda: a cooperativa tem cinco delas e mais dois hospitais



Para o futuro, está prevista a consolidação do Centro de Oncologia da Unimed Volta Redonda, com a implantação de um equipamento de PET-CT Digital — exame diagnóstico por imagem mais eficiente na detecção de cânceres, problemas neurológicos e doenças do coração. Outro projeto importante é a modernização da radio-terapia, com equipamento de alta precisão que amplia as possibilidades terapêuticas.

Inovação à vista

Atenta ao que acontece no mercado de saúde e bem-estar, e aos impactos da pandemia, a equipe de Coimbra deu início, em 2020, a um projeto de reformulação estratégica da cooperativa, redefinindo a visão de futuro e incluindo a transformação digital em um contexto diário.

“Criamos um Núcleo de Inovação, que estamos apartando da operação, de forma a criar uma cultura de inovação e não uma célula isolada. Este núcleo trabalhará novas ideias ou o aprimoramento de nossos processos, tendo como alvo facilitar a vida de nossos clientes”, explicou. ■

NÚMEROS

A Unimed Volta Redonda
conta com

462

cooperados e

1,9 mil

colaboradores

Atua nos municípios
fluminenses de Volta Redonda,
Angra dos Reis e Paraty

O coofuturo JÁ COMEÇOU





**INÍCIO DAS
ATIVIDADES DOS
COMITÊS NACIONAIS
DE MULHERES
E DE JOVENS
CONCRETIZA NOVA
ERA PARA UM
COOPERATIVISMO
MAIS INCLUSIVO,
COM OLHAR
ESTRATÉGICO PARA
O FUTURO**

Por Débora Zampier

Naquele início de 2019, o cooperativismo brasileiro deu um passo decisivo para as futuras gerações, muito embora as protagonistas e os protagonistas dessa história ainda não soubessem disso. Mirando o fortalecimento das nossas cooperativas, o Sistema OCB lançou dois concursos culturais para selecionar 20 mulheres e 20 jovens para participarem do 14º Congresso Brasileiro do Cooperativismo (CBC), com direito a fala e voto. A partir de então, seriam embaixadores do cooperativismo, mas, para isso, precisavam responder à seguinte pergunta: Como podemos construir juntos o cooperativismo do futuro?

Centenas de inscrições chegaram de todo o país e dos diferentes ramos do cooperativismo. “O fato de a OCB deixar claro que jovens e mulheres eram bem-vindos no debate nacional foi o divisor de águas para nós. Percebemos que não éramos só pessoas idealistas pensando em algo desconexo, mas sim que estávamos conectados a uma estratégia em curso para a ampliação e projeção do cooperativismo no país”, conta Jamile Guimarães, uma das jovens escolhidas para representar a juventude cooperativista no 14º CBC.

Desde então, Jamile e os outros embaixadores e embaixadoras mantiveram-se em contato para ajudar a transformar em realidade um dos projetos prioritários para a construção de um futuro melhor para o cooperativismo: o aumento da participação de jovens e mulheres nos cargos de liderança das cooperativas brasileiras. E

o primeiro passo nesse sentido foi dado agora, em 2021, com a formação do Comitê Nacional de Mulheres e do Comitê Nacional de Jovens Cooperativistas.

Foram meses de reuniões e de treinamentos, culminando com a aprovação do regimento interno de cada Comitê, em janeiro deste ano, e com a eleição de seus coordenadores, em abril, para um mandato de dois anos. A responsabilidade é grande, pois ambos os comitês atuarão como norteadores, em caráter consultivo, nos temas de participação feminina e dos jovens para atividades de representação política e institucional do Sistema OCB. Além disso, eles terão o papel de fomentar a promoção social e educação cooperativista junto às cooperativas, à sociedade civil, aos poderes públicos e aos organismos internacionais.

Conheça, a seguir, a história de algumas mulheres que participam dos nossos Comitês e inspire-se com elas!

MOBILIZAÇÃO

Os preparativos para o início efetivo das atividades, ainda neste semestre, dos Comitês de Mulheres e de Jovens do Cooperativismo já começaram. Eles incluem a escolha de temas prioritários e metas de trabalho para ambos os grupos.

Estão previstas ações em redes sociais, eventos, oficinas, cursos e programas de desenvolvimento de líderes. Os comitês têm autonomia para desenvolver os projetos previstos e continuarão recebendo capacitações, suporte e acompanhamento, conforme plano de ação definido.



“SEMPRE QUIS ENVOLVER MAIS MULHERES EM TUDO O QUE FIZ, DESDE IGREJA A TRABALHO, INCENTIVAR O PAPEL DA MULHER COMO REPRESENTANTE, COMO FORÇA MOTORA E AGENTE DE MUDANÇA.”

Jamile Guimarães,
coordenadora do Comitê Nacional de Mulheres do Sistema OCB, Fortaleza (CE), advogada, consultora associada e delegada reeleita da Sicredi Ceará Centro Norte

Mesmo antes do início dos trabalhos junto aos públicos-alvo, os integrantes dos colegiados já sentem os benefícios de fazer parte desse movimento. “É muito bom para todos. Além de trazermos ideias e ações que mobilizarão um novo público para o cooperativismo, levamos o nome de nossas organizações adiante e também começamos a ter mais reconhecimento. As pessoas têm mais interesse no que temos a dizer e em como podemos contribuir”, avalia Jessyca Bolzan, outra protagonista dessa matéria.

Exemplo regional que conquistou o Brasil

Em um artigo recente publicado em um canal cooperativista, a advogada Jamile Guimarães, 38 anos, fez questão de honrar as mulheres que fizeram parte da história do nosso movimento. Há anos, ela defende uma maior participação feminina na diretoria, nos conselhos e em postos de liderança de cooperativas.

A história de Jamile com o cooperativismo começa anos antes de a Casa do Cooperativismo lançar o Comitê Nacional de Mulheres. Em 2010, ela contribuiu como voluntária para a criação do estatuto do Instituto Cooperar, da Unicred. Com a abertura da cooperativa para a participação do público geral — da qual os tios médicos já faziam parte —, entrou de vez para o cooperativismo com a avó.

“É muito inovador para a lógica que vivemos hoje que uma pessoa possa ser usuária, cliente e dona do banco ao mesmo tempo”, analisa. Quando a Unicred tornou-se Sicredi e as regras do Banco Central

mudaram, Jamile tornou-se uma das primeiras delegadas eleitas em 2015, e reeleita em 2019.

“Sempre quis envolver mais mulheres em tudo o que fiz, desde igreja a trabalho, incentivar o papel da mulher como representante, como força motora e agente de mudança”, destaca.

Para Jamile, a representação de gênero é um desafio especialmente importante na Região Nordeste, onde ainda predominam espaços que dão visibilidade e voz apenas aos homens. Já como delegada e percebendo um déficit de participação feminina em posições de liderança, fez parte do movimento para a criação do Comitê de Mulheres da Sicredi (CE), que completa três anos em 2021.

Com o desafio em mãos, o grupo estabeleceu metas e desafios, e se mobilizou em diversas ações sociais e de formação, desconstruindo o conceito de que idade e gênero são fatores limitantes. “Temos muitas senhoras envolvidas, e quero trazer para cada uma a ideia de que a gente pode ir além, pois a mente limita muito mais que a própria idade”.

Jamile conta que na eleição seguinte para delegada, o número de representação feminina dobrou, e quatro mulheres chegaram ao conselho administrativo, com um aumento de mais de 30% na representação. Enquanto isso, o Comitê de Mulheres dobrou seu orçamento e agora tem até um profissional de marketing na assessoria. “A melhor venda de uma ideia é mostrar sua efetividade em campo”, pontua.

A visibilidade das ações do comitê começou a chamar atenção até mesmo da diretoria da cooperativa, que passou a divulgar a experiência local como case de sucesso, culminando com a recente decisão da Sicredi nacional, de que a ideia

deveria ser levada para todo o país. "O maior objetivo é que as pessoas possam se apossar dessa ideia para propagá-la. Inclusive, esse movimento que está sendo feito pelo Sistema OCB, de criação de um Comitê Nacional de Mulheres do Cooperativismo, é fundamental para levar essa ideia a outras partes do país", pontua.

Para Jamile, a oportunidade de participar do 14º Congresso da OCB como embaixadora foi impactante não apenas pelo tamanho do evento e pela possibilidade de fazer parte do processo deliberativo, mas por ter unido as lideranças femininas e jovens em um mesmo espaço. "É muito importante ter pessoas que pensam igual conectadas, e isso permaneceu depois", analisa.

DIFERENÇAS REGIONAIS

Quanto ao futuro do cooperativismo, Jamile reforça o coro de que há ainda muito desconhecimento sobre seus fundamentos e valores, especialmente no Nordeste, e que a maior propaganda é quando os cooperados levam esses valores refletidos em suas vidas. "Quando se compara com o Sul, em que o agro é bem forte na cultura familiar, aqui só fui saber o que é cooperativismo depois de adulta. E quando as pessoas conhecem, nem acreditam, é bom demais para ser verdade. A parte boa é ver o quanto ainda podemos crescer por aqui", avalia.

Para além do sucesso do modelo de negócio, ela vê o cooperativismo como terceira via possível para o verdadeiro desenvolvimento social, fomentando colaboração e crescimento coletivo com foco na redução de desigualdades. "Quando a gente investe na capacitação e no engajamento das pessoas, não tem como não ter retorno para a cooperativa, e

isso transborda para a sociedade. Quando tiramos o lucro do banco e dos banqueiros, isso leva ao desenvolvimento econômico de um maior número de pessoas, muda realidades. Cooperar é muito melhor que explorar."

A blogueirinha do cooperativismo

Foi por acaso que Carolina Mussolini, 35 anos, descobriu o cooperativismo. Jornalista multitarefas, acabou perdendo de uma só vez seus três empregos quando o Brasil entrou na crise econômica de 2014. "Sempre via o Sicredi na rua, mas não tinha noção do que era. Deixei currículo e depois de um tempo a pessoa ligou. O interessante é que era para trabalhar na comunicação, e eu não tinha noção do que era uma cooperativa financeira", diverte-se. Quando descobriu o mundo em que estava entrando, a reação foi semelhante à das pessoas que têm contato com o cooperativismo pela primeira vez. "Fui fazendo a integração e achei incrível, mas, ao mesmo tempo, fiquei em choque. Como as pessoas não falavam disso?"

Foi assim que começou sua campanha pessoal para disseminar informação em massa, o que deu a ela o título de 'blogueirinha do cooperativismo'. "Fiz um trabalho para explicar o que era uma cooperativa, e vi que mesmo assim as pessoas não entendiam, achavam que eu trabalhava em banco. Fui estudar, fiz uma pós-graduação em Cooperativismo de Crédito para me apoderar melhor do assunto, e o que me marcou muito foi no primeiro dia, quando o professor disse que o grande concorrente do cooperativismo é o desconhecimento."

"FUI ESTUDAR, FIZ UMA PÓS-GRADUAÇÃO EM COOPERATIVISMO DE CRÉDITO PARA ME APODERAR MELHOR DO ASSUNTO, E O QUE ME MARCOU MUITO FOI NO PRIMEIRO DIA, QUANDO O PROFESSOR DISSE QUE O GRANDE CONCORRENTE DO COOPERATIVISMO É O DESCONHECIMENTO."

Carolina Mussolini
presidente Prudente (SP)
jornalista, assessora de
comunicação e marketing na
Sicredi Rio Paraná PR/SP



Segundo Carolina, buscar difusão em massa em tempos de mídias sociais ainda é um desafio para o mundo das cooperativas, que apostam em narrativas e meios mais tradicionais. Foi essa percepção que fortaleceu a ideia de usar seus canais pessoais de forma mais livre para falar sobre o assunto, trabalho que começou há cerca de dois anos. “Levei um susto quando comecei a postar, porque recebi mensagem de muita gente falando que não conhecia, e isso me incentivou a fazer mais.”

Em postagens divertidas com os bonequinhos Pin e Heiro, ou incorporando nos vídeos assuntos que engajam a audiência — como atender ao ‘Big Fone Cooperativo’ ou assumir uma versão da funkera Anitta em frente a um ônibus com o letrero ‘Girl From Coop’ —, ela viu que sua mensagem estava chegando longe quando um vídeo do seu Instagram foi reproduzido pelo WOCCU, sigla em inglês para o Conselho Mundial das Cooperativas de Crédito. Ou quando cooperativas de outros estados e regiões começaram a procurá-la para participar em seus conteúdos para mídias sociais, no melhor estilo digital *influencer*.

De uns tempos para cá, o alcance de Carolina começou a extrapolar o mundo da comunicação. “Duas pessoas entraram em contato querendo abrir cooperativa, depois de verem meus vídeos. Com isso, os dirigentes vão percebendo que a comunicação do cooperativismo também está mudando, as pessoas querem ver coisas reais, sentirem-se próximas”, avalia.

DE EMBAIXADORA A CONSELHEIRA

Quando soube do concurso para Embaixadora Coop, Carolina estava pesquisando sobre a história do

cooperativismo e se inspirou com a representação de Elisa no filme *Os Pioneiros de Rochdale*. Assim, entendeu que também poderia se fazer mais presente para ajudar a abrir caminho para mais mulheres no cooperativismo.

“Quando saiu o resultado do concurso, fiquei muito feliz, porque não tinha noção do tamanho do Sistema OCB, do tamanho do que eles fazem, foi aí que me empolguei mais. O que estava faltando era isso, juntar pessoas”, conta, lembrando que o objetivo do grupo de embaixadores sempre foi o estabelecimento de Comitês Nacionais para Jovens e Mulheres cooperativistas.

Quanto à sua participação no colegiado recém-criado, Carolina avalia que o maior espaço de incidência feminina no cooperativismo é um caminho natural, considerando que a mulher se empodera mais a cada dia, em todos os setores da economia e em diferentes funções sociais.

“Antes, os cooperados eram pessoas de mais idade e as mulheres não se viam como parte disso. Elas não entendiam se eram cooperadas ou ‘só’ esposa de cooperados”, avalia. Para ela, nosso movimento só tem a ganhar com maior presença feminina em cargos de liderança. “Seria um mundo diferente, porque a mulher tem um olhar diferente e mais agregador.”

A ideia é que o primeiro biênio de operações do Comitê Nacional de Mulheres seja um pontapé inicial para a criação de algo maior, com a divulgação em rede a partir do momento em que a mulher se sente mais representada em um espaço antes inacessível.

“Esse momento é para ocupar espaço, tem que ter esse marco.

Hoje, há iniciativas, mas os comitês são individualizados, ainda são tímidos”, avalia. Para ela, o fato de a OCB investir nos comitês de mulheres e no de jovens é uma mensagem clara de que o futuro precisa mudar para uma visão estratégica de sucessão, para que o movimento não morra. “E o mais incrível é que isso não é uma mudança pró-forma, ela é real. Estão escutando a gente.”

O futuro do cooperativismo, segundo ela, é promissor, pois as pessoas estão começando a falar mais sobre uma alternativa possível ao estado atual de coisas, especialmente com o momento de reflexão durante a pandemia. “Não adianta existir a alternativa se as pessoas não conhecem, mas isso está melhorando em todos os ramos. Esses dias, uma pessoa mandou *direct* perguntando se eu achava possível criar uma cooperativa de trabalho de jornalistas, a ideia de transformar associação em cooperativa. Com a pandemia, estamos em um momento de pensar como podemos ser pessoas melhores para o outro e para nós mesmos”, finaliza.

O cooperativismo
como filosofia de
vida

Quem ouviu Pamella Fernandes falando sobre o cooperativismo logo se dá conta de que essa escolha é muito mais que um caminho profissional — é um projeto de vida. Aos 23 anos, a primeira coordenadora eleita do Comitê Nacional de Jovens Cooperativistas tem convicção de que difundir os valores e princípios junto aos jovens não apenas garantirá



“EU VEJO QUE O COOPERATIVISMO AINDA ESTÁ ENGATINHANDO NO PAÍS; MUITAS PESSOAS NÃO SABEM NEM DO QUE SE TRATA, O SETOR PRIVADO ESTÁ SE APROPRIANDO DE NOSSOS PRINCÍPIOS, ENQUANTO NÓS JÁ SOMOS O TERCEIRO CAMINHO. É UM MUNDO QUE TODO MUNDO QUER, TEM PRINCÍPIOS QUE SÓ QUEM NÃO ENTENDE NÃO ADERE AO MOVIMENTO. QUEM CONHECE, DIFICILMENTE VAI MIGRAR PARA OUTROS MODELOS.”

Pamella Fernandes

*coordenadora do Comitê Nacional de Jovens do Sistema OCB, Caxias do Sul (RS)
Cooperada e colaboradora do Sicoob Unicoob Meridional, gerente de relacionamento pessoa física*

o futuro do cooperativismo, mas também será capaz de mostrar que a prosperidade coletiva global é possível, especialmente no contexto das lições aprendidas durante a pandemia de Covid-19.

Quando criança, Pamella queria trabalhar em uma instituição financeira. “As amigas da minha mãe trabalhavam em banco e eu adorava ouvir como elas resolviam os problemas das pessoas ou ajudavam a realizar sonhos por meio de soluções financeiras”, lembra.

Aos 18, ela conseguiu o primeiro emprego, em uma associação garantidora de crédito, ocasião em que teve o primeiro contato com o cooperativismo. Já a conexão com os valores do nosso movimento aconteceu anos depois, quando ela participou do evento Conexão Sicoob. “Abriu muito minha visão, mostrando exemplos de pessoas que colocaram esses valores em prática e toda a história de luta. Foi ali que decidi que queria ser parte daquilo, não só como cooperada, mas como colaboradora. Também percebi a potência de trabalhar com jovens para motivá-los a não se acomodarem nas estruturas postas”, disse.

Pamella concorreu no concurso Jovem Embaixador Coop com um vídeo exaltando o modelo cooperativo das formigas. E foi no Dia da Mulher de 2019 que descobriu ter sido um dos 20 selecionados para participar do 14º CBC, com direito a voz e voto. “Foi um grande impacto ver milhares de pessoas reunidas acreditando na mesma coisa que eu, discutindo temas como inovação e, especialmente, estar em contato com os demais embaixadores. Foi um divisor de águas, percebi ali o poder do cooperativismo, que podemos alcançar muito mais”, avalia.

Sua carta-manifesto lembrou aos dirigentes e cooperados presentes que todos foram jovens um dia, e que esse é um estado de espírito permanente quando a cabeça está oxigenada para uma visão estratégica de futuro. “Os gestores muitas vezes não liberam o conhecimento para nós, reproduzindo uma cultura arraigada ou achando que o jovem não tem compromisso ou capacidade de ocupar grandes espaços. Mas, como essa visão pode ser sustentável, se nós somos o futuro do cooperativismo?”, questiona.

Para Pamella, a iniciativa da OCB de trazer jovens e mulheres para a pauta do dia durante o 14º CBC foi o gatilho para uma transformação cultural que se espalha pelo país. “Foi fundamental para sinalizar que não estávamos pedindo demais, que estávamos integrados à visão estratégica do Sistema OCB. A partir daí, as coisas começaram a mudar, tanto institucionalmente, com a formação de novos comitês pelo país, quanto pela valorização de vozes como a minha, que defendem um futuro mais inclusivo”, avalia.

Segundo a jovem, a construção do novo cooperativismo deve começar já com as crianças, passando por estudantes e universitários com atividades ao mesmo tempo lúdicas e formativas, como a realização de *workshops* e a criação de programa de *trainees*. Ela avalia que a criação de conselhos participativos para jovens nas cooperativas fomentaria um novo olhar para treinamentos, capacitações e cursos especializados para esse público, além de garantir mais visibilidade nas mídias sociais e na interiorização das ações. “Eu vejo que o cooperativismo ainda está engatinhando no país, muitas pessoas não sabem nem do que se trata; o setor privado está se apropriando de nossos princípios, enquanto nós já somos o terceiro caminho. É um mundo que todo mundo quer, tem princípios que só quem não entende não adere ao movimento. Quem conhece, dificilmente vai migrar para outros modelos.”

*Para progredir,
é preciso
difundir e
mobilizar*

A relação de Jessyca Bolzan, 27 anos, com o cooperativismo vem de longa data. Quando a família se mudou do campo, na região central do Rio Grande do Sul, para a cidade, a mãe começou a trabalhar na Cooperativa Tríticola Sepeense (Cotrisel), vínculo que até rendeu à Jessyca o título de rainha do arroz. “Mas a verdade é que eu nunca soube direito o que

era cooperativismo. Frequentava algumas coisas, mas não entendia toda a filosofia por trás daquilo. Só fui compreender melhor a força do nosso movimento depois de adulta. Quando descobre o que é, a maioria das pessoas se impressiona”, explica.

Depois de terminar o curso de Jornalismo, a jovem gaúcha começou a trabalhar em uma rádio comunitária no interior do estado. Lá, conheceu o atual diretor executivo da Federação das Cooperativas Vinícolas do Rio Grande do Sul (Fecovinho) e aceitou o desafio de trabalhar em algo totalmente novo.

“Ao mesmo tempo que descobri o cooperativismo agro e todo o seu potencial, vi que ainda faltava muito no lado social e de comunidade. Ter o Dia C já é caminho, mas ainda é pouco, e não só pelo lado social, mas principalmente porque as pessoas só começam a fazer parte do que conhecem”, explica.

Antes de se inscrever para o concurso de Embaixador Jovem Coop, Jessyca já buscava mobilizar esse público. Em 2018, fez um acampamento da juventude rural com 100 jovens na região litorânea do Rio Grande do Sul, reunindo em um mesmo evento conhecimento e diversão. “O jovem quer participar, o problema é como apresentar a proposta para ele”, analisa.

Segundo Jessyca, depois de décadas de êxodo de jovens do campo, há um movimento recente na região de eles voltarem para trabalhar nas propriedades dos pais depois de estudarem. “Mas, se não há estímulo nem das cooperativas, nem do ambiente familiar, ele não irá se envolver no cooperativismo. Precisamos de um plano de ação, de dividir a as-



“ÀS VEZES, OUÇO DE ALGUNS DIRIGENTES QUE O JOVEM NÃO TEM INTERESSE, MAS, SE LEMBRARMOS COMO ÉRAMOS COM 18 ANOS, É NATURAL DA IDADE. NÓS É QUE TEMOS QUE INSTIGAR O JOVEM A BUSCAR ISSO, A COMEÇAR PELO COMITÊ NACIONAL.”

Jessyca Bolzan
vice-coordenadora,
Farroupilha (RS)
cooperada Sicredi Serrana
(RS/ES), colaboradora
Fecovinho

sociação entre pai e filhos, pois o sentido de pertencimento para o jovem é importante.”

Muito mais que um movimento inclusivo, ela avalia que trazer o jovem para viver o dia a dia do cooperativismo é estratégico para a sobrevivência das próprias cooperativas enquanto organizações, assim como de todo o movimento, uma vez que a faixa etária da maioria dos sócios é de mais de 60 anos.

“Se não for feito isso, qual vai ser o futuro das cooperativas? Quem vai ficar nos cargos de liderança? Às vezes, ouço de alguns dirigentes que o jovem não tem interesse, mas, se lembrarmos como éramos com 18 anos, é natural da idade. Nós é que temos que instigar o jovem a buscar isso, a começar pelo Comitê Nacional”, avalia.

ESPAÇO E OPORTUNIDADE

Para Jessyca, a participação no Jovens Embaixadores foi fundamental para que as pessoas começassem a enxergar suas ideias de outra forma. “Todo mundo sabe que sou assim, mas agora consigo trazer mais visibilidade para o cooperativismo e para os jovens. Isso, para a minha cooperativa, está sendo maravilhoso; dá mais credibilidade, muda o trabalho que vai ser feito a partir de agora”, explica. Ainda assim, ela avalia que o processo de transformação é lento: das cinco cooperativas ligadas à Fecovinho, apenas uma tem um Comitê de Jovens instituído. “Tudo o que a OCB faz vira exemplo. Era tudo o que a gente precisava para dar um start geral. Agora vejo um antes e um depois.”

Alinhada às ideias de seu vídeo para o concurso Embaixador Jovem Coop, que trazia a matemática de multiplicação do cooperativismo com a soma de esforços e divisão de conquistas, Jessyca defende que as pessoas que conhecem o nosso modelo de negócios têm o dever de trazer mais informações sobre esse universo, não só para conquistar novos aliados, mas para ajudar a construir uma sociedade melhor. Enquanto se acertam os últimos detalhes do plano de ação do Comitê Nacional Jovem, ela aposta que haverá um efeito cascata em escala local. “O comitê vai trazer essa responsabilidade, mostrar que jovens são capazes de promover a mudança quando têm espaço e oportunidade”, pondera.

Mesmo com todos os desafios, especialmente no campo da visibilidade, ela acredita que o cooperativismo hoje está em sua melhor fase. “Há um tempo, trouxeram à tona o conceito de capitalismo consciente, que se apropria um pouco da nossa essência, mas, no final, isso é uma coisa boa. Porque, se estão falando nisso, abre portas para entrarmos com tudo, porque o cooperativismo é a essência da consciência humana. O cooperativismo é o futuro e não será apenas mais um modelo de negócio, mas sim a concretização da esperança daquelas pessoas que almejam um mundo melhor”, conclui. ■



EXIGÊNCIAS PARA PARTICIPAR DO COMITÊ NACIONAL DE MULHERES DO SISTEMA OCB

- Manter vínculo com o cooperativismo enquanto participarem do colegiado
- As integrantes do Comitê podem ser cooperadas, colaboradoras (incluindo estagiárias e aprendizes), esposas ou filhas de cooperado ou cooperada

Gestão 2021-2023

Coordenação: Jamile Guimarães (CE)
Vice-coordenação: Isabela Albuquerque (PR)
Secretaria Executiva: Michele Silva (MT)
Suplência: Mayara Andrade (PA)



EXIGÊNCIA PARA PARTICIPAR DO COMITÊ NACIONAL DE JOVENS DO SISTEMA OCB

- Mulheres e homens entre 18 e 35 anos, que mantenham vínculo com o cooperativismo enquanto participarem do grupo
- Podem ser cooperados, colaboradores (inclui estagiários e aprendizes) e filhos de cooperado ou cooperada

Gestão 2021-2023

Coordenação: Pamella Fernandes (RS)
Vice-coordenação: Jessyca Bolzan (RS)
Secretaria Executiva: Victor Emmanuel (GO)
Suplência: Luana Magna (TO)



Nos dois casos, os integrantes serão escolhidos pela Diretoria Executiva da OCB entre os jovens indicados pelas unidades estaduais ou por meio de processo seletivo. Todos os conselheiros devem ter autorização expressa das cooperativas às quais estão vinculados para participar das atividades

CONHEÇA A TRAJETÓRIA
DO DEPUTADO FEDERAL
EVAIR DE MELO, ELEITO
INFLUENCIADOR DO
COOPERATIVISMO EM
2020 POR SUA ATUAÇÃO
EM DEFESA DO NOSSO
MODELO DE NEGÓCIOS

DO CAMPO PARA
O CONGRESSO,
COM O APOIO DO

cooperativismo

Por Tchéréna Guimarães

Onde tem uma cooperativa consolidada, ali tem desenvolvimento econômico e social. Portanto é tudo que o Estado precisa". É isso o que defende o deputado federal Evair de Melo (ES), 49 anos, eleito um dos três Influenciadores no *Prêmio SomosCoop – Melhores do Ano* por seu trabalho de divulgação das vantagens e dos diferenciais do cooperativismo na sociedade brasileira.

Entusiasta do nosso modelo de negócios desde cedo, o deputado não tem dúvidas de que as cooperativas têm plenas condições de transformar o país. Por isso, trabalha duro. No Parlamento, atua principalmente como porta-voz das pautas de interesse do cooperativismo e da agricultura. E fora dele, faz um trabalho diário junto aos cooperados.

Eleito deputado em 2014 e reeleito em 2018, Melo preside a Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop) e leva a posição e as especificidades do nosso modelo de negócios para debates, votações, audiências públicas e discussões no Poder Legislativo e Executivo.

Quando não está em Brasília, cumprindo a agenda parlamentar na Câmara dos Deputados, esse influenciador coop está no seu estado, o Espírito Santo, visitando cooperativas e comunidades agrícolas.

Por lá, não tem escritório físico. Gosta de pegar o carro e rodar as cidades visitando cooperativas e pequenos e médios produtores. Como o estado é pequeno, consegue cumprir agenda em mais de 10 cidades em cerca de três dias. Por essa agilidade, muitos

o chamam de "papa-léguas", em alusão ao personagem de desenho com habilidade de percorrer longas distâncias em um curto período de tempo.

Com orgulho, ele conta onde encontra energia e motivação para uma agenda tão cheia e com tão poucos momentos de descanso: no legado que sonha em deixar para os seus dois filhos, um de 13 e outro de 15 anos.

"Tomei a decisão de doar tudo o que eu sei e o que eu posso, porque acredito que o fruto do nosso trabalho vai repercutir nas gerações futuras. Penso em um país mais leve, menos burocrático, mais justo e de mais oportunidades", pontua. "Então eu acho que vale fazer, o que eu chamo de um sacrifício na vida pública, estimulando as pessoas a vir para o cooperativismo e a vir para a política".

O deputado, que atualmente é vice-líder do governo na Câmara, acredita que a mobilização é fundamental e precisa ser reforçada. "Eu sinto falta de o setor produtivo estar efetivamente na política porque todas as ações em Brasília repercutem nos estados. Tenho mobilizado muito as cooperativas para que se aproximem dos parlamentares e se aproximem dos políticos", afirma. "O setor produtivo precisa estar presente e atuando na política para que possamos fazer as entregas e as reformas, e fortalecer a economia", acrescenta.

Trajetória

Muito da visão e do conhecimento que Evair de Melo carrega sobre o cooperativismo é fruto da sua trajetória e de todas as suas vivências no meio rural. Poucos imaginam,

"ACHO QUE VALE FAZER, O QUE EU CHAMO DE UM SACRIFÍCIO NA VIDA PÚBLICA, ESTIMULANDO AS PESSOAS A VIR PARA O COOPERATIVISMO E A VIR PARA A POLÍTICA."

mas acordar cedo para tirar leite da vaca, cuidar do gado e das plantações eram atividades rotineiras exercidas pelo deputado.

Até os 25 anos de idade, viveu na pequena propriedade agrícola dos pais, em Conceição do Castelo, região serrana do interior do Espírito Santo. O período — como todos em sua vida — foi de bastante dedicação e determinação. Foi naquela época, também, que se aproximou do cooperativismo.

Apesar dos dias cansativos — exercendo junto aos quatro irmãos e aos pais, as tarefas que o meio rural demandava—, ele se dedicava com afinco aos estudos. "Eu sabia que a janela para crescer na vida era estudando", conta.

Para se formar no ensino técnico agrícola no Instituto Federal do Espírito Santo, por exemplo, precisava percorrer diariamente 25 quilômetros de bicicleta em meio a sol, chuva e muita poeira até chegar ao campus de Pouso Alegre, um dos municípios mais próximos da propriedade de seus pais.

Já para cursar os quatro anos de Administração de Empresas, concluídos na **Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas de Cachoeiro de Itapemirim**, precisava enfrentar diariamente 100 quilômetros à noite entre a sua casa e o município vizinho. Um

ônibus fazia parte do trajeto e o restante ele precisava fazer a pé, o que o fazia chegar em casa já de madrugada.

“Do ponto de vista físico foi muito duro, muito puxado, o que exigiu de mim muita determinação, muito foco. Mas esses dias difíceis eu sempre encarava como um dia a menos e não como um dia a mais. Eu tinha uma meta”, lembra.

O cansaço podia bater, mas não era suficiente para fazê-lo desistir. Foram quatro anos sem registrar nenhuma falta nas aulas. “Sempre fui muito determinado e dedicado. Eu tinha que dar uma resposta para os meus pais, que naturalmente me cobravam muito. Meus pais, mesmo sendo produtores rurais, nunca abriram mão que nós estudássemos. Sempre foram companheiros de primeira ordem”, recorda.



Evair, na infância



Album de família

Admiração fraterna

Um dos cinco irmãos de Evair de Melo, Romário, lembra desses dias de luta com saudosismo e muito orgulho. “Essa é uma das etapas da vida dele que eu tenho uma profunda admiração porque, desde muito cedo, ele se empenhou muito para conquistar aquilo no que acreditava”, lembra.

Romário recorda que o irmão sempre demonstrou uma boa capacidade de liderança. Seja assumindo responsabilidades com a produção e coordenando os funcionários da fazenda dos pais, seja participando de grupos de jovens na igreja, de movimentos sociais e voluntariado.

“Toda essa vivência foi gerando nele um espírito de liderança. Esse trabalho colaborativo, que é feito no meio rural, também ajudou. Acho que foram experiências que o marcaram e, depois, foram consolidadas durante sua formação profissional”, avalia.

O irmão do deputado também conta que ele sempre foi muito firme em seus posicionamentos. “Evair sempre foi muito questionador e dificilmente abria mão da opinião dele e do que gostaria de fazer; a ponto da minha mãe chamar a gente para rezar por ele na



Arquivo pessoal

infância”, diverte-se. “Ali já estava a personalidade que a gente vê hoje na vida pública”.

Vida pública

A carreira política não estava nos planos de Evair de Melo, mas a vida acabou levando-o por esse caminho.

Ao sair da casa dos pais, aos 25 anos, ele encontrou seu primeiro emprego em uma cooperativa de cafeicultores. “Lá, aprendi, na prática, que o cooperativismo ajuda na distribuição de renda e no desenvolvimento social. Portanto é o modelo perfeito para o mundo moderno”, afirma.

Depois de cursar Administração de Empresas, ele também fez MBA em Gestão de Projetos na Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Cada vez mais qualificado e ativo no mercado de agronegócios, foi convidado a assumir a Secretaria de Agricultura e de Meio Ambiente do município de Venda Nova do Imigrante, cidade vizinha a Conceição do Castelo. Depois, presidiu o Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural e o Conselho Nacional das Entidades de Pesquisa Agropecuária (Consepa).

Em paralelo, motivado pela experiência na propriedade dos pais, que por muito tempo teve como base econômica o cultivo do café, encontrou no grão uma de suas paixões. Estudou para se tornar classificador e degustador da iguaria. Além disso, atuou no Programa Estadual de Melhoria da Qualidade do Café e ajudou a difundir os grãos capixabas pelo país.

Cada vez mais em evidência no meio rural, Melo acabou sendo

convidado para entrar para a política. Em 2014, foi eleito deputado federal pelo seu estado — um resultado mais do que merecido, na visão do irmão, apesar de ter surpreendido parte da mídia à época.

“A imprensa não tinha noção do alcance e do trabalho do Evair no meio rural. Foi o reconhecimento de muitos municípios e de muitos produtores, gente nem vista pela grande mídia”, recorda.

Ainda segundo Romário, o irmão foi motivado principalmente pelo trabalho com o fomento ao cooperativismo, levando e criando condições e oportunidades de renda para muitos produtores rurais.

“Eu realmente me orgulho de ter um irmão deputado, e por ele ter feito essa escolha de se dedicar à vida pública. As pessoas bem sempre percebem, mas essa é uma vida puxada e muito dura”, conclui.

Influenciador do cooperativismo

Reeleito para o cargo de deputado em 2019, Evair foi convidado a presidir a Frencoop — um reconhecimento mais do que merecido ao seu trabalho em defesa do cooperativismo. Também em reconhecimento à sua influência política e parceria de longa data com as cooperativas capixabas, a OCB/ES indicou Evair de Melo como influenciador no *Prêmio SomosCoop*.

“Consideramos Evair um exímio influenciador do cooperativismo”, afirma o superintendente do Sistema OCB/ES, Carlos André Santos de Oliveira.

A parceria com a unidade estadual capixaba teve início quando Evair de Melo ainda era secretário de Agricultura do município de Venda Nova do Imigrante. “Nessa função, ele já realizava um trabalho fantástico junto ao cooperativismo”, relembra.

No Congresso, a liderança do deputado também é elogiada. “Ele vem trabalhando firme para desburocratizar leis, incluir e facilitar o acesso das cooperativas a diversos benefícios governamentais e abrir espaço para a modernização e o crescimento do movimento cooperativista”, avalia Oliveira.

Profissionalmente, Evair de Melo se destaca por sua assertividade, garra e dedicação. “Ele preza pela excelência. Ele não hesita em lutar pelo que anseia e é coerente em suas atitudes. Sua ótima oratória e carisma são qualidades que realçam o seu profissionalismo, mostrando vocação para exercer a função de parlamentar e presidente da Frencoop”, acrescenta o superintendente.

Por tanto comprometimento, a premiação não foi uma surpresa. “Foi sim uma justíssima homenagem”, defende Oliveira.



Primeira comunhão



Renovando a fé



Deputado em família

A gerente de relações institucionais da OCB, Fabíola Nader Motta, também enfatiza a importância desse reconhecimento e do protagonismo do deputado.

“Desde o primeiro dia em que foi eleito, no primeiro mandato, ele disse que estava ali por causa das cooperativas e para as cooperativas. Essa é a principal bandeira de seu mandato. Esse reconhecimento é merecido, obviamente, e mostra a importância de cada vez mais parlamentares e agente públicos conhecerem o cooperativismo e entenderem que somos um movimento organizado, capaz de contribuir com o desenvolvimento do país”, afirma.

Evair recebeu o título de “Influenciador Coop” com alegria e ressaltou que ele é fruto de um trabalho conjunto com os outros deputados federais. “Essa é uma conquista coletiva, não um ato heroico meu. É um ato coletivo, que eu tive o prazer de liderar. Fiquei muito honrado porque é muito difícil fazer opções temáticas aqui na Câmara, como eu fiz, e colher resultados”, conclui. ■

Sunchales



LOCALIZADO A 600 QUILÔMETROS DE BUENOS AIRES, O MUNICÍPIO É REFERÊNCIA MUNDIAL EM COOPERATIVAS ESCOLARES, ALÉM DE SER 100% ABASTECIDO DE ÁGUA PELO COOPERATIVISMO — MOVIMENTO QUE RESPONDE POR 83% DO PIB DA CIDADE

Por Luana Lourenço
Correspondente da Saber Cooperar na Argentina

Imagine uma cidade em que o abastecimento de água é feito por uma cooperativa, em que todas as escolas têm cooperativas de estudantes e onde três em cada dez habitantes trabalham direta ou indiretamente para entidades associativas. Esse lugar existe e fica no interior da Argentina: Sunchales, declarada a capital do cooperativismo dopaís em 2005. A cidade é reconhecida por seu histórico e pelo desenvolvimento baseado na economia social, dentro e fora do território argentino, e tem até uma “cidade-irmã” no Brasil.

A 600 quilômetros de Buenos Aires, na província de Santa Fé, Sunchales tem 26 mil habitantes, cerca de 8 mil deles em postos de trabalho direta ou indiretamente ligados ao cooperativismo. Logo na entrada da cidade, no meio de uma avenida cercada por praças, está uma de suas marcas: o Monumento Nacional ao Cooperativismo, erguido em 2006, o segundo no mundo — o primeiro está em Nova Petrópolis, no Rio Grande do Sul.

Com sete colunas, cada uma representando um dos Princípios do Cooperativismo, a obra também destaca sete valores para que os ideais cooperativistas sejam alcançados: paz, ajuda mútua, equidade, justiça, liberdade, solidariedade e responsabilidade. A construção também exibe diversas placas que marcaram visitas de importantes entidades do movimento cooperativista internacional.

Simpática como as cidades do interior, Sunchales tem ruas limpas e arborizadas, um único semáforo e uma ampla praça central que ocupa quatro quadras — com muitas árvores, parques e até uma estátua de Mafalda, a mais famosa personagem do cartunista argentino Quino.

Muito além de placas e monumentos, o pequeno município tem o cooperativismo presente no dia a dia. Além de o abastecimento de água de todas as casas ser feito pela Cooperativa Águas Potáveis de Sunchales, criada em 1957, a cidade tem entidades associativas agrícolas, industriais, de seguros, serviços, trabalho, saúde, educação, cultura, comunicação audiovisual, e de capacitação e pesquisa. O impacto econômico dessas atividades é tão relevante que faz com que 83% do Produto Interno Bruto (PIB) municipal sejam relacionados a cooperativas, associações mutualistas e fundações, num total de 4,8 milhões de dólares por ano.

Para se ter uma ideia desse volume, basta comparar com o cenário nacional argentino, em que as cooperativas são responsáveis por cerca de 10% do PIB do país, segundo dados da Confederação Cooperativa da República Argentina (Cooperar) — entidade de representação equivalente ao Sistema OCB.

“Temos na Argentina 10 mil cooperativas com matrícula vigente, com 18 milhões de membros. Estão presentes em mais de duas mil localidades, nos 24 estados do país, e são a empresa mais importante em

muitas pequenas cidades distantes dos grandes centros urbanos, onde, inclusive, foram pioneiras em fornecer serviços públicos como energia elétrica, água e telefonia. Hoje, essas cooperativas, que em alguns casos têm 80, 90 ou 100 anos de trajetória, estão levando internet e telefonia móvel aos lugares mais remotos, ou seja, mantêm o mesmo espírito inovador que lhes deu origem, dando respostas às demandas atuais de suas comunidades, como no começo fizeram com serviços básicos”, compara o presidente da Cooperar, Ariel Guarco, que também comanda a Aliança Cooperativa Internacional.

Como tudo começou

A história do movimento cooperativista em Sunchoales começa com a formação de entidades associativistas a partir de 1891, por imigrantes italianos, mesmo antes da primeira Lei de Cooperativas da Argentina, de 1926. Em seguida, a partir de 1929, foram criadas as primeiras associações de produtores de leite da cidade e da região.

Mas o fator determinante para a trajetória cooperativista da cidade ocorreu em 1938, com a reunião de 16 cooperativas leiteiras em uma entidade de segundo grau, a Sancor, para juntas construírem uma fábrica de manteiga. A palavra Sancor é uma fusão dos nomes dos estados de Santa Fé e Córdoba, de onde eram as primeiras cooperativas associadas.

A possibilidade de venda direta, sem intermédio de empresas privadas, atraiu produtores de leite da região e levou a um rápido crescimento da Sancor, que chegou a ter mais de 300 entidades associadas. Ainda hoje — mesmo atravessando uma crise financeira que desencadeou o fechamento de fábricas e venda de ativos para saldar dívidas — a cooperativa ainda tem atuação nacional e internacional, processando mais de 750 mil litros de leite diariamente.

Criada em 1945 como um braço da cooperativa de lácteos para atender aos associados, a Sancor Seguros teve crescimento ainda mais relevante e se consolidou como líder no mercado de seguros da Argentina, com atuação também no Brasil, Paraguai e Uruguai. Hoje, essa



“TEMOS NA ARGENTINA 10 MIL COOPERATIVAS COM MATRÍCULA VIGENTE, COM 18 MILHÕES DE MEMBROS. ESTÃO PRESENTES EM MAIS DE DUAS MIL LOCALIDADES, NOS 24 ESTADOS DO PAÍS”.

Ariel Guarco
Presidente da Aliança
Cooperativa Internacional (ACI)

Instituto Cooperativo de Ensino Superior de Sunchoales, na Argentina



megacooperativa sunchalense reúne mais de 10 empresas com atuação no mercado de seguros, planos de saúde, previdência privada, resseguros, desenvolvimento tecnológico, entre outras.

Desde 2007, o grupo Sancor Seguros tem uma fundação, criada para apoiar projetos que fortaleçam os valores cooperativistas, com foco, principalmente, na educação. Apesar da atuação multinacional, a cooperativa manteve em Sunchales sua sede — um moderno e vistoso edifício de 8,5 mil metros quadrados — com impacto direto na economia e nos níveis de ocupação e renda *per capita* da cidade.

“Temos orgulho de estar no interior do interior. A Sancor Seguros se manteve em Sunchales porque aqui estão nossas raízes, nossa cultura, nossos valores, nossa gente e nossos princípios. E desde sempre o interior inspira muita confiança. Sancor termina sendo uma grande família em Sunchales, um lugar onde se respira o sentimento cooperativista”, explica o diretor de Relações Institucionais do grupo, Osiris Trossero.

Casa cooperativa

Diante da forte presença das cooperativas na cidade, em 1979 foi criada a Casa Cooperativa de Sunchales, uma entidade de segundo grau, para representação institucional do setor e promoção da cultura cooperativista por meio da formação de lideranças. De acordo com o atual presidente da instituição, Raul Colombetti, a criação foi motivada pelo sexto princípio do cooperativismo: a intercooperação.

“Como cooperativa de cooperativas, e para favorecer a intercooperação, a Casa orienta suas atividades para educar e capacitar dirigentes, jovens e adolescentes, com o objetivo de fortalecer o sistema cooperativo.”

Atualmente, a entidade tem 33 associados: 18 cooperativas e federações, 11 associações mutualistas e quatro fundações, em diversos ramos de atuação. Segundo Colombetti, a experiência suncha-

lense inspirou a criação de casas cooperativas em Bahía Blanca e La Plata, ambas na Argentina, e na gaúcha Nova Petrópolis, sua cidade-irmã cooperativista.

Vale destacar: a atuação institucional da Casa Cooperativa foi fundamental para a aprovação da Lei Nacional nº 26.037, de 2005, que declarou Sunchales como capital nacional argentina do cooperativismo. Desde 1974, a cidade tinha o título em âmbito estadual. Mas o feito que mais orgulha Colombetti é o trabalho da instituição para formação de jovens cooperativistas, que se dá, principalmente, pelo apoio às cooperativas de estudantes.

“É um programa que se estendeu por todas as escolas da cidade e da região; depois, chegou a toda a província de Santa Fé, a outras províncias, e finalmente, a países vizinhos”, conta. Uma das entidades associadas à Casa é justamente a Federação de Cooperativas Escolares de Sunchales (FeCoopES), a primeira da Argentina, criada em 2007 para concentrar as propostas desenvolvidas pelas diferentes cooperativas de estudantes.

Alunos da ICES em atividades de promoção ao cooperativismo



Cooperativas escolares

As cooperativas escolares acabaram se transformando em uma marca do cooperativismo sunchalense, com destaque, inclusive, no exterior. Em março, a cidade foi reconhecida pela organização Cooperativa de las Américas como “Cidade Desenvolvida em Cooperativismo Escolar”.

Cerca de 3,5 mil estudantes fazem parte dos projetos, que estão presentes em quase todas as escolas da cidade – urbanas, rurais e de ensino especial – exceto em uma, que foi criada no fim de 2019 e, por causa da pandemia, ainda não teve sua cooperativa formada.

Segundo a coordenadora da FeCoopES, Julieta Camino, em cada cooperativa, os estudantes decidem que atividades ou produtos vão desenvolver, e participam de todas as etapas, inclusive da administração da entidade.

“A participação nas cooperativas muitas vezes funciona como um estágio, porque eles aprendem a gerenciar estoques, a negociar com fornecedores. Há muitos estudantes que fizeram parte de cooperativas escolares e hoje estão em grandes empresas.”

Entre as atividades desenvolvidas atualmente nas 17 cooperativas escolares de Sunchales estão a produção de itens de higiene, artigos de papelaria, objetos de decoração, e a venda de alimentos e material escolar. A renda é reinvestida na compra de matérias-primas ou em benfeitorias

para as escolas, como bebedouros. Também há estudantes que se dedicam a hortas nas escolas e outros que criaram uma rádio interna.

Os alunos cooperativistas recebem apoio financeiro da Casa Cooperativa e da Fundação Sancor, além de recursos de um fundo municipal formado por 3% do valor dos impostos pagos pelas cooperativas ao governo local.

A estudante universitária Jenifer Molina fez parte de uma cooperativa escolar, integrou o conselho da FeCoopES e diz que a experiência foi um diferencial em sua formação. “O que aprendi vai muito além da escola, a cooperativa é um outro ambiente. Os valores que aprendemos vão muito além da teoria, passam a ser parte da nossa vida. Levo agora para a faculdade e, com certeza, para a vida profissional. Eu não seria a pessoa que sou hoje sem esse aprendizado, inclusive sobre como ter voz, saber falar sobre o que queremos.”

Olhos no futuro

Outra iniciativa pioneira de Sunchales para a educação é o Instituto Cooperativo de Enseñanza Superior (ICES), criado em 1986 para atender à demanda por profissionais de informática que trabalhassem com os computadores que nessa época estavam chegando às cooperativas.

Trinta anos depois, o objetivo foi alcançado, segundo Román Frutero, diretor do instituto, e os analistas de sistemas que se formam na instituição, em geral, são absorvi-

AS COOPERATIVAS ESCOLARES ACABARAM SE TRANSFORMANDO EM UMA MARCA DO COOPERATIVISMO SUNCHALENSE



dos por empresas e cooperativas locais. “Agora, as novas necessidades aumentam a demanda por desenvolvedores, e já começamos a oferecer capacitação nessa área.”

O ICES disponibiliza educação superior por meio de tecnicaturas (o equivalente aos cursos de tecnólogos no Brasil) e universitários, em convênio com universidades da região. Alguns cursos têm ligação direta com o cooperativismo, como o de Gestão das Cooperativas e Mutualistas, e o Curso Superior de Cooperativismo.

Idealizado pela Casa Cooperativa de Sunchales, desde 2008 o ICES está sob a gestão da Fundação Sancor Seguros, e em dezembro do ano passado ganhou uma sede moderna e funcional às margens da rodovia federal RN 34, em um prédio com ares futuristas que chama atenção em meio à paisagem rural da região.

A construção faz parte de um megaprojeto que também inclui a futura sede para o Centro de Innovación Tecnológica, Empresarial y Social (CITES), uma incubadora de empresas de inovação lançada em 2015 pela megacooperativa seguradora.

Atualmente, há 25 empresas no projeto nas áreas de tecnologia, fármacos, medicina, agropecuária, nanotecnologia, entre outras. Uma delas é a *startup* Llamando al doctor (Telefonando para o médico, em tradução livre), que conecta médicos e pacientes por videoconferência para atendimento inicial. Lançado em 2018, o aplicativo foi providencial após o início da pandemia do coronavírus e passou a ser usado pelo plano de saúde da Sancor Seguros para atendimentos a afiliados em todo o país.

Enfrentando a pandemia

A crise global causada pelo coronavírus também atingiu as cooperativas, e em Sunchales não foi diferente. Segundo Raul Colombetti, da Casa Cooperativa, se por um lado a pandemia trouxe dificuldades, ela também reafirmou o papel dos valores cooperativistas e da economia social para enfrentar as adversidades.

Sunchales passou os primeiros meses da pandemia sem registrar nenhum caso de coronavírus, mas desde o começo do *lockdown* foram organizadas coletas e doações, principalmente das grandes cooperativas, para fortalecer o sistema de saúde local para enfrentar o vírus, inclusive com a criação de novos leitos de Unidade de Terapia Intensiva (UTI). Em outra frente, a Cooperativa de Águas passou a oferecer facilidades para pagamento de contas e impostos.

“O ano de 2020 demonstrou que nós, entidades da economia social, temos muito o que fazer e acompanhar neste processo que estamos atravessando, pensando em novas formas de fazer cooperação”, diz Colombetti.

Para Ariel Guarco, da Aliança Cooperativa Internacional, apesar de terem sido tão atingidas quanto as empresas convencionais pela brusca parada da atividade econômica durante a pandemia, as cooperativas demonstraram mais resiliência e compromisso com as comunidades no enfrentamento da crise. Segundo ele, o modelo cooperativista deve servir de inspiração para a recupera-

ção mundial pós-coronavírus. “Devemos apostar em modelos empresariais em que o motor não seja o egoísmo, e sim a ajuda mútua. Temos que colocar em funcionamento a ajuda mútua e a democracia para que as comunidades direcionem seu trabalho e seus recursos à construção de uma economia que cuide das pessoas e do meio ambiente. A boa notícia é que isso é possível. Isso é o que fazemos nas cooperativas, é o que fazem 1,2 bilhão de pessoas associadas às 3 milhões de cooperativas existentes no mundo. Esse é o momento de valorizar nossas propostas e nossa experiência.”

Intercâmbio

A criação da Casa Cooperativa de Nova Petrópolis é, inclusive, um dos frutos da cooperação entre as cidades-irmãs. Outra iniciativa da integração foi o estabelecimento das cooperativas escolares na cidade gaúcha, repetindo o sucesso da experiência argentina.

“Esse modelo que a gente trouxe de lá e adaptou à nossa realidade foi o grande capital dessa troca, aprendizado e convivência com os argentinos. Temos muitos jovens hoje que estão transformados para o bem, têm conhecimento do cooperativismo desde crianças e não perdem mais essa característica. Quando chegam nas empresas, são logo vistos como pessoas diferentes, com mais capacidade de liderança, de iniciativa e de saber o que é cooperar”, conta Konzen.

Também inspirados na experiência sunchalense, os gaúchos criaram a Federação de Cooperativas Escolares Pioneira, que hoje reúne 28 cooperativas de estudantes de várias cidades do estado.

Com as fronteiras parcialmente fechadas e as restrições impostas pela pandemia, as atividades entre as cidades-irmãs cooperativistas estão reduzidas à troca de e-mails e reuniões *on-line*. Mas as duas partes esperam poder retomar em breve os planos em conjunto, em especial o intercâmbio de estudantes cooperativistas dos dois países.

“Havia projetos iniciados, como de intercooperação de jovens que viajariam e passariam pelo menos uma semana convivendo e atuando den-



“O ANO DE 2020 DEMONSTROU QUE NÓS, ENTIDADES DA ECONOMIA SOCIAL, TEMOS MUITO O QUE FAZER E ACOMPANHAR NESTE PROCESSO QUE ESTAMOS ATRAVESSANDO, PENSANDO EM NOVAS FORMAS DE FAZER COOPERAÇÃO.”

Raul Colombetti
presidente da Casa Cooperativa de Sunchales

“RIVALIDADE NÃO EXISTE QUANDO A GENTE FALA EM COOPERATIVISMO, EM AMIZADE, EM COOPERAÇÃO, EM TROCAS.”

Mário Konzen
presidente da Casa Cooperativa de Nova Petrópolis

tro de atividades no outro país, mas não evoluiu porque começou a pandemia. Também foram interrompidas as visitas anuais, a troca de grupos que iam daqui para lá; tudo está interrompido, mas esperamos que logo possa ser retomado”, conclui Konzen.

A irmã brasileira de sunchale

Quando os sunchalenses se preparavam para inaugurar seu Monumento ao Cooperativismo, em 2006, convidaram o então presidente da Aliança Cooperativa Internacional, o italiano Ivano Barberini, para participar do evento, e anunciaram a homenagem como a primeira do tipo em todo mundo. Na ocasião, foram avisados por Barberini que, na verdade, se tratava do segundo, porque já havia no Brasil, desde 2002, um monumento que celebrava o cooperativismo, na cidade de Nova Petrópolis, no interior do Rio Grande do Sul.

O que poderia ser uma história de rivalidade sobre a originalidade dos monumentos abriu portas para uma trajetória de cooperação entre as duas cidades, com visitas mútuas, trocas de experiências e o estabelecimento formal de uma irmandade entre Sunchales e Nova Petrópolis desde 2010.

Assim como a irmã argentina, Nova Petrópolis é um berço do cooperativismo, sede da primeira cooperativa de crédito do país, a Sicredi Pioneira RS, criada em 1902. O intercâmbio com Sunchales levou a cidade gaúcha a buscar e conseguir o título de Capital Nacional do Cooperativismo do Brasil, reconhecido por lei federal em 2010.

“Rivalidade não existe quando a gente fala em cooperativismo, em amizade, em cooperação, em trocas. Nós aqui reconhecemos os argentinos e chamamos de verdadeiros irmãos. Ainda não conheci outro lugar no mundo em que houvesse o humanismo, a receptividade, o carinho que têm os sunchalenses conosco quando chegamos lá”, conta o presidente da Casa Cooperativa de Nova Petrópolis, Mário Konzen. ■

**ANTENADOS
COM O**

futuro



**PESQUISA INÉDITA
DO SISTEMA OCB
REVELA: 84% DAS
COOPERATIVAS
BRASILEIRAS
CONSIDERAM
A INOVAÇÃO
FUNDAMENTAL
E JÁ INCLUÍRAM
O TEMA NO
PLANEJAMENTO
ESTRATÉGICO DA
ORGANIZAÇÃO**

Por Débora Brito

Um caminho sem volta. Mais de um ano após o início da pandemia do coronavírus no Brasil, não há uma pessoa, empresa, governo ou nação que não tenha passado por algum tipo de transformação. Reinventar processos, modernizar produtos, atualizar planos, ousar, foram algumas das expressões mais ditas nos últimos meses. Em todos os modelos de negócio, incluindo o cooperativismo, inovar tornou-se um requisito essencial para o desenvolvimento e manutenção do trabalho. Prova disso é que 84% das cooperativas brasileiras consideram a inovação fundamental e já incluíram o tema no planejamento estratégico da organização, como mostra a pesquisa inédita realizada pelo Sistema OCB sobre o assunto.

O estudo mostra que quase metade das cooperativas ouvidas pela OCB já executavam projetos de inovação antes da pandemia, principalmente nos setores de atendimento ao cliente, marketing e tecnologia. Nesse quesito, estão cooperativas de quase todos os ramos.

O problema é que apesar de valorizarem as novas tecnologias e estarem dispostas a se modernizarem, as coops ouvidas no estudo estão cientes de que têm um longo caminho a percorrer até implantarem uma cultura da inovação em suas organizações. Tanto que — em um processo de autoavaliação — foi registrada a média de 6,1 como nota dada pelas próprias cooperativas com relação ao grau de inovação de suas práticas. Para completar, apenas 3 em cada 7 as entrevistadas já tinham orçamento previsto para projetos nessa área, o que deve ser encarado como um ponto de melhoria dentro do cooperativismo. Afinal, para inovar também é preciso investir.

Outro dado interessante do mapeamento é o que aponta que 57% das cooperativas buscaram pessoas ou empresas externas para aprender sobre os projetos de inovação. E ações de capacitação, como treinamento, cursos, consultoria e eventos, foram apontadas por 39% como a principal forma de apoiar a inovação.

Segundo a coordenadora do Núcleo de Inovação da OCB, Samara Araujo, os resultados da pesquisa motivaram a elaboração de novas estratégias de apoio às cooperativas e nortearam a formação de um novo programa de capacitação.

“Com base nos resultados alcançados, mapeamos as principais dificuldades das nossas coops quando o assunto é inovação. A partir daí, conseguimos desenhar ações mais assertivas. A importância dessa pesquisa é justamente fazer com que a gente consiga fazer entregas relevantes para as cooperativas”, comenta a coordenadora.

Aprendizagem transformadora

Atenta à crescente demanda cooperativista por inovação, a OCB lançou em fevereiro deste ano, em parceria com o Instituto Superior de Administração e Economia (ISAE Brasil), o Programa de Formação de Agentes de Inovação no Cooperativismo Brasileiro.

O curso é desdobramento de um programa de inovação já desenvolvido pelo ISAE, com metodologia focada no cooperativismo. Em pouco mais de três anos, ele formou mais de 1500 agentes de inovação de mais de 220 cooperativas, em sete estados.

“NOSSA CAPACITAÇÃO TEM O PROPÓSITO DE FOMENTAR CULTURA DE INOVAÇÃO NOS AMBIENTES DAS COOPERATIVAS DE DIVERSAS FORMAS.”

Thiago Martins
coordenador do
programa de Formação
de Agentes de Inovação
no Cooperativismo
Brasileiro



“Nossa capacitação tem o propósito de fomentar cultura de inovação nos ambientes das cooperativas de diversas formas, uma delas é o envolvimento e a abertura dos espaços para que mais colaboradores tenham informação e entendam realmente o que é inovação. Muita gente quando pensa em inovação, pensa em tecnologia. Esse é um tabu que precisamos romper”, explica Thiago Martins, coordenador do programa.

O conteúdo do curso foi desenvolvido com foco na transformação do modelo mental dos participantes e com o objetivo de preparar os colaboradores para atuar em contexto de mudanças, como o da pandemia. Ele está dividido em quatro módulos, chamados de trilhas do conhecimento.

O primeiro deles é comum a todas as turmas e tem o objetivo de diagnosticar as principais habilidades dos alunos, como liderança, espírito empreendedor, empatia, colaboração e senso de urgência. No segundo, são apresentados conceitos gerais para fortalecer a base teórica no tema.

Já no terceiro módulo, os participantes passam por um processo de *gamificação* depois do qual são divididos em grupos de acordo com seus perfis (se são mais idealizadores ou transformadores). Neste módulo, eles experimentam novas ferramentas que potencializam a criatividade e outras competências técnicas, como capacidade de observar, associar, questionar práticas ineficientes, experimentar coisas diferentes e fazer networking.

Por fim, no quarto módulo, é a hora da aplicação prática de todo o conteúdo absorvido no programa. Nesta etapa, os participantes são desafiados a transformar as ideias inovadoras em projetos, a criar soluções para os desafios lançados e alcançar um resultado concreto.

Agora em 2021, o curso de formação de agentes de inovação está com uma

abordagem um pouco diferente. É a primeira vez que tem uma turma específica para colaboradores do Sistema OCB de todas as regiões do país. Uma segunda turma foi criada com participantes de cooperativas vencedoras da edição de 2020 do *Prêmio Somos-Coop – Melhores do Ano*, além de representantes de confederações como o Sicoob, Sicredi, Unicred, Unimed entre outras. Cada uma delas tem 36 alunos que passarão por 192 horas de capacitação, a serem completadas no período de um ano.

Genialidade coletiva

Segundo a coordenação do programa, a capacitação de agentes de inovação do cooperativismo foi desenhada para aproveitar as potencialidades de cada aluno, visando a construção da chamada genialidade coletiva.

“Nós somos a soma de partes que agem, sentem e pensam de formas diferentes e quando conseguimos combinar essas partes temos um resultado inovador. Trabalhar numa equipe com pessoas de gerações, culturas e formações diferentes é benéfico e muito importante para conseguir extrair ideias. Porque tudo começa com desafios e a partir deles captar ideias para solucioná-los. Quando a gente consegue engajar os colaboradores nessa geração de ideias, temos oportunidades de inovação”, destaca Martins.

A coordenadora do Núcleo de Inovação da OCB, Samara Araújo, reforça que a formação tem o objetivo de tornar os agentes de inovação aptos a apoiar as cooperativas na solução de seus problemas e responder aos estímulos e transformações que estão acontecendo no mundo.

“A OCB está oferecendo um serviço para auxiliar nossas cooperativas a en-

SUA COOPERATIVA ESTÁ QUERENDO INOVAR?

O Sistema OCB dá uma forcinha para você. Confira algumas das ferramentas que o InovaCoop preparou para você!



tregarem serviços e produtos de qualidade e a melhorarem a instituição como um todo. Se não aprendermos a lidar com o novo, não tem como seguir em frente neste mundo que se transforma todo dia. Então, capacitação é o caminho para o sistema, para as cooperativas e para nós, como pessoas e profissionais”, afirmou.

Samara é uma das alunas do programa de formação de agentes de inovação lançado este ano. Para ela, a oportunidade tem sido muito rica e tem rendido bons frutos, além de novas conexões com diferentes ramos do cooperativismo.

“O que mais me impactou até agora foi o ambiente multidisciplinar. Na turma temos cooperativas de agro, crédito, de saúde, transporte, infraestrutura várias regiões do país. Estou aprendendo muito com essa diversidade. Estar nesta capacitação com outras pessoas do cooperativismo é uma experiência bem rica e a chance de ter impacto é muito maior”, relata.

A coordenadora destaca, ainda, que o curso pretende que os participantes compartilhem o conhecimento adquirido com outros colaboradores e cooperados, reforçando o espírito de colaboração do cooperativismo.

“Temos aí no mínimo 72 pessoas espalhadas pelo Brasil sendo impactadas da mesma forma que eu e isso vai ter um impacto direto no trabalho delas. A ideia é que a gente consiga pulverizar a cultura de inovação com outras pessoas, em outros espaços”, completa.





Inovar não é mais uma escolha

A capacitação em inovação também impactou o trabalho de Maria Vandalva Oliveira, presidente do Sicoob Coopere, cooperativa financeira sediada em Valente, interior da Bahia.

Vandalva é pedagoga de formação e atua no cooperativismo de crédito há mais de 20 anos. Ela ingressou no programa regional do ISAE em outubro do ano passado para se preparar frente aos desafios impostos pela pandemia do coronavírus.

“Eu sou da geração do telefone orelhão de moedinha, sempre fui arredia às redes sociais e pensava que inovação tinha a ver só com questões tecnológicas. Eu sabia que precisava me atualizar nisso. Daí comecei a fazer o curso. O interesse surgiu da necessidade de aprofundar em inovação e ver como esse conceito se materializa na nossa prática”, conta.

Vandalva já ocupou diferentes cargos na cooperativa e relata ter vivenciado ao longo de sua trajetória situações de cunho inovador, mas que não eram organizadas e sistematizadas para gerar resultados mais perenes.



“O CURSO TEM NOS AJUDADO A REDIMENSIONAR OS PROJETOS DA COOPERATIVA DIANTE DESSE NOVO JEITO DE VIVER, DE COMUNICAR E SE CONECTAR COM AS PESSOAS E NOS MOTIVOU A BUSCAR AJUDA.”

Maria Vandalva Oliveira
presidente do Sicoob
Coopere

“O curso me fez entender que a inovação não é uma moda, uma tendência, é uma necessidade, porque os cooperados estão cada vez mais exigentes, querendo resultados mais ágeis e entregas mais eficientes. Precisamos inovar nas soluções. As mudanças estão acontecendo e para os problemas atuais não cabem as soluções do passado”, declara Vandalva.

Como presidente, um de seus maiores desafios foi o processo de elaboração do planejamento estratégico para os próximos 10 anos da organização e a necessidade de ajustar as metas de acordo com a nova realidade de 2020.

O Sicoob Coopere também foi desafiado a se relacionar de forma remota com os 45 mil cooperados e manter de forma ágil a prestação de serviços e as respostas aos problemas do dia a dia.

“Pensávamos que a pandemia passaria em alguns meses, diagnosticamos vários problemas na elaboração do planejamento estratégico e os projetos de resposta ficaram paralisados porque foram todos idealizados para serem realizados presencialmente”, relata.

Além da presidente, o Sicoob Coopere tem mais dois colaboradores participando da capacitação. Segundo Vandalva, eles encontraram no curso não só conhecimento, mas também uma grande oportunidade de firmar parcerias com outras cooperativas que já tem soluções prontas possíveis de serem aplicadas no Sicoob Coopere.

“O curso tem nos ajudado a redimensionar os projetos da cooperativa diante desse novo jeito de viver, de comunicar e se conectar com as pessoas e nos motivou a buscar ajuda. E fez a gente entender que inovação não é uma escolha, agora é uma necessidade para encontrar a luz para continuar

caminhando. É um processo sem volta, a pandemia só acelerou”, completa.

*Um hub
de ideias e
soluções*

Outra cooperativa que incluiu inovação no planejamento estratégico é a Coplacana, Cooperativa dos Plantadores de Cana do Estado de São Paulo. Com o case do **Avance Hub**, a Coplacana garantiu o primeiro lugar da categoria de inovação no Prêmio SomosCoop de 2020 e uma vaga em uma das turmas do programa de capacitação da OCB e do ISAE.

O Avance Hub foi criado em 2017 como um espaço de inovação da Coplacana para promover atividades de inovação, de investimento em *startups* (venture capital), experimentos agrícolas e de soluções digitais para a agricultura.

As atividades do Hub têm impacto sobre os 15 mil cooperados da Coplacana, por meio da oferta de produtos e serviços. Atualmente, a cooperativa tem em seu portfólio um total de 15 produtos e soluções digitais para os cooperados.

A iniciativa também propiciou a realização de eventos técnicos de capacitação e mentoria, que já beneficiaram mais de 600 cooperados e mais de 10 *startups*.

“A capacitação é necessária tanto para os colaboradores quanto para os cooperados. Muitas vezes, a falta de conhecimento impede a adoção da tecnologia pelo produtor que está querendo implantar agricultura de precisão

para melhor acompanhamento da sua lavoura”, explica Klever José Coral, Superintendente de Inovação da Coplacana.

Depois da instalação do Hub, a cooperativa ampliou de um para 15 o número de colaboradores dedicados aos projetos de inovação e passou a destinar 3% de sua receita para o projeto, o que representa em torno de R\$ 1,5 milhão por ano.

O Hub fica sediado em um *coworking*, um ambiente totalmente diferente do dia a dia da cooperativa, e recebe missões de diferentes colaboradores e outros visitantes interessados em fazer contatos com *startups* e outras empresas de inovação.

Mesmo com um case de sucesso, a Coplacana já enviou três colaboradores para participar do programa de capacitação do ISAE. Uma colaboradora do Hub e outra do Marketing participaram da edição do ano passado com a missão de disseminar o conteúdo de inovação para outros ambientes da cooperativa. E no curso deste ano, a cooperativa é representada por um colaborador da área do administrativo.

“Às vezes, eu vejo uma solução lá na ponta que é preciso trazer para dentro da Coplacana, daí tem parte fiscal, tributária, desafio de precificação, investimento, venda de produto, pode ter um financiamento ou não. Então, é interessante o administrativo enxergar tudo isso para viabilizar a solução na área de processos”, comenta Klever.

Da participação das primeiras colaboradoras, um dos frutos foi a criação do Núcleo Jovem da Coplacana, que tem a missão de atrair produtores da nova geração que poderão se engajar com novas tecnologias e dar continuidade ao processo de implantação da agricultura digital nas lavouras.

Colaborar é inovar

Para ampliar a disseminação de conhecimento sobre inovação, além do programa de capacitação realizado em parceria com o ISAE, a OCB criou o inova.coop.br site que disponibiliza cursos e outros materiais, como e-books, matérias, entre outras ferramentas de capacitação. Até o final de 2021, o site terá 14 cursos.

O site também reúne cases de inovação no cooperativismo de todas as regiões do país e do mundo em uma mesma plataforma, com os contatos dos agentes responsáveis para promover a intercooperação.

DEPOIS DA INSTALAÇÃO DO HUB, A COOPERATIVA AMPLIOU DE UM PARA 15 O NÚMERO DE COLABORADORES DEDICADOS AOS PROJETOS DE INOVAÇÃO E PASSOU A DESTINAR 3% DE SUA RECEITA PARA O PROJETO, O QUE REPRESENTA EM TORNO DE R\$ 1,5 MILHÃO POR ANO.





Entre os cases de sucesso elencados no InovaCoop — que já têm inspirado outras experiências inovadoras no país — está o da **Agência Mais**, a primeira unidade de atendimento digital do cooperativismo de crédito brasileiro.

Idealizada pela Unicred União, que atua em Santa Catarina e no Paraná, a iniciativa é um dos exemplos de inovação pré-pandemia e ficou em segundo lugar no Prêmio Somos-Coop de 2020, na categoria Inovação.

A agência virtual foi criada em 2016 para viabilizar o atendimento de cerca de 5 mil cooperados que não frequentavam as agências físicas e preferiam ser atendidos de forma remota. Transpostos os desafios iniciais de implantação, a Unicred União conseguiu fechar duas agências físicas, o que gerou economia significativa de recursos e aumentou a eficiência do atendimento, que foi ampliado para diferentes canais, como vídeos, chats, telefone e e-mail.

Apesar dos meios virtuais, o atendimento não deixou de ser humanizado, pois o cooperado não precisa passar por opções gravadas como robôs ou *call centers* com atendentes que não têm autonomia para atender a demanda do cliente. Ele consegue falar diretamente com o gerente da conta ou outro colaborador que possa resolver seu problema.

No lugar das agências desativadas, agora existe apenas a Agência Mais, instalada em Joinville, que conta com uma estrutura que permite geração de energia solar, entre outras vantagens de cunho sustentável.

Em razão do sucesso, a agência já recebeu mais de 150 visitas e seu *benchmarking* foi compartilhado com outras cooperativas de crédito do país, promovendo outro princípio do cooperativismo: a intercooperação.

A história e toda a estratégia operacional para implantação da Agência Mais também podem ser conhecidas pelo livro *Feito à Mão – As pessoas no centro das transformações*, escrito pelo Marcelo Vieira Martins, CEO da Unicred União. “Somos um case de pioneirismo e inovação, pois na época não havia nada parecido no cenário do cooperativismo de crédito do país. Os resultados que obtivemos falam por si: mais de 4,5 mil cooperados atendidos pela Agência Mais com índice de satisfação superior a 94%, geração de novos negócios, redução de custos com estruturas físicas e uma mudança de *mindset* que pavimentou o relacionamento do futuro para a nossa cooperativa”, afirmou Vieira.

Vale destacar: essa experiência inovadora permitiu melhor adaptação da cooperativa às medidas de distanciamento social impostas pela pandemia. No último ano, a Agência Mais ampliou o atendimento para todos os 19,5 mil cooperados da Unicred União, dobrou o número de operações e aumentou o volume de negócios.



Respeito e confiança

Para profissionalizar cada vez mais seus projetos de inovação, a Unicred União tem trabalhado para organizar uma estrutura específica para apoiar ideias e projetos inovadores. Por isso, ela lançou, no início deste ano, o programa Motor 2, que reúne os recursos necessários para o desenvolvimento de um projeto de inovação, incluindo a formação de equipe exclusiva para o projeto e mentoria para colocá-lo em prática.

A capacitação é dada por um consultor especializado em inovação e outros temas aos gestores, que multiplicam o conhecimento para suas equipes. Até então, os projetos inovadores da cooperativa eram desenvolvidos na base da tentativa e erro. Com a capacitação das equipes, a ideia é que os projetos antes de serem aplicados totalmente na prática passem por um tempo de maturação até apresentarem condições de gerar resultados e metas factíveis.

“Desenvolvemos dentro do motor 2 um time que fica pesquisando, estudando na nossa atuação do dia a dia o que pode ser implantado, o que pode ser melhorado e novas estratégias de negócio”, explica Maysse Paes Honorato, colaboradora da área de comunicação da Unicred União.

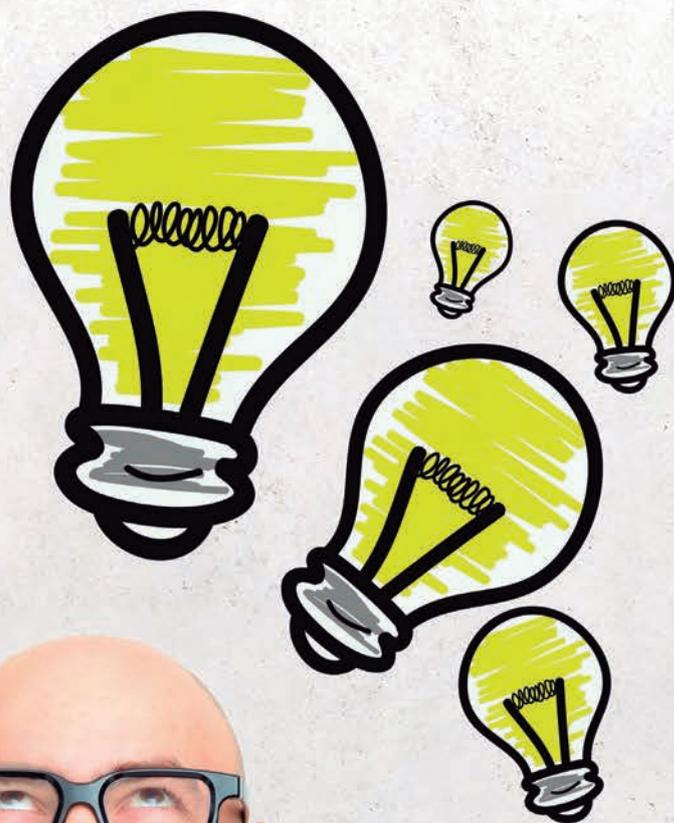
Atualmente, a equipe está analisando 27 projetos para saber quais poderão ser aplicados no dia a dia da cooperativa. A seleção considera como o projeto levará a inovação para os processos da organização, de uma forma mais abrangente.

“Depois da mentoria, já temos um olhar diferente sobre alguns dos projetos. A capacitação traz dados de mercado, novas formas de implantação, uma forma muito mais estruturada de gestão”, conclui Maysse. ■

“DESENVOLVEMOS DENTRO DO MOTOR 2 UM TIME QUE FICA PESQUISANDO, ESTUDANDO NA NOSSA ATUAÇÃO DO DIA A DIA O QUE PODE SER IMPLANTADO, O QUE PODE SER MELHORADO E NOVAS ESTRATÉGIAS DE NEGÓCIO.”

Maysse Paes Honorato

colaboradora da área de comunicação da Unicred União



INDICAÇÃO AO *Nobel da Paz* TAMBÉM É PRÊMIO AO COOPERATIVISMO



Márcio Lopes de Freitas é presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB).

A indicação do ex-ministro da Agricultura Alys-son Paolinelli ao Prêmio Nobel da Paz 2021 é um reconhecimento ao trabalho visionário de um homem que comandou a revolução agrícola tropical sustentável, com o desenvolvimento de sistemas de produção para os biomas do Cerrado, e mudou o cenário de segurança alimentar no Brasil e no mundo. É também um prêmio à Ciência, priorizada por Paolinelli para impulsionar esse salto agrícola, e ao modelo cooperativista, que encontrou seu espaço, cresceu e se solidificou a partir das políticas públicas implementadas por ele na década de 1970.

De grande importador de alimentos básicos, o Brasil garantiu sua autossuficiência e se transformou no fiel da balança da segurança alimentar mundial. Em 2020, a produção de grãos atingiu 251,9 milhões de toneladas, número 6,4 vezes maior que o registrado em 1970, quando as colheitas geravam apenas 39,4 milhões de toneladas. E o protagonismo do cooperativismo nesse contexto

é indiscutível, uma vez que 53% da safra brasileira é proveniente de produtores rurais associados a cooperativas, segundo dados do Censo Agropecuário de 2017 (IBGE).

A história do cooperativismo no Brasil é recente, tem pouco mais de 100 anos, mas sua consolidação se deu a partir de 1971, com a regulamentação da Lei 5.764/71, que disciplinou a criação das cooperativas no país ainda na gestão de Paolinelli no Ministério da Agricultura. A Constituição Federal de 1988, que este ano completa 33 anos de existência, estendeu a autonomia do movimento ao garantir seu poder de autogestão e permitiu ainda mais sua expansão.

Nesse sentido, o cooperativismo brasileiro cresceu com a missão de promover a cultura da solidariedade, gerar desenvolvimento, produtividade e impacto social. Mais ainda: gerar prosperidade. Nos locais onde há cooperativas, a riqueza se espalha, incentivando, inclusive, o empreendedorismo.

Prova disso é que um estudo da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) em parceria com o Sistema Sicredi, divulgado em fevereiro de 2020, aponta

que o cooperativismo incrementa o Produto Interno Bruto (PIB) per capita dos municípios em 5,6%, cria 6,2% mais vagas de trabalho formal e aumenta o número de estabelecimentos comerciais em 15,7%.

O Brasil conta, atualmente, com mais de 1,2 mil cooperativas agropecuárias que congregam aproximadamente 1 milhão de produtores rurais e emprega 207 mil trabalhadores de forma direta. As estimativas preliminares apontam que os resultados consolidados em 2020 estão acima dos R\$ 245 bilhões e as perspectivas são de crescimento em 2021 mesmo com todos os desafios impostos pela pandemia da covid-19.

O cooperativismo é um modelo de negócio que precisa e deve ser cada vez mais incentivado. É feito por e para pessoas e, portanto, é um ingrediente essencial para a construção de uma sociedade mais justa por meio da colaboração, equilíbrio, transformação e inclusão. Ele propaga dignidade e qualidade de vida. E, por isso, todo nosso respeito, admiração e gratidão a Paolinelli e seu legado. O prêmio Nobel da Paz apenas consolidará ainda mais essas conquistas. ■



**O BRASIL
MERECE UM**

Nobel da Paz!!

SOU.COOP

Venha fazer parte de um cooperativismo mais forte!

VAMOS JUNTOS CONSTRUIR O MAIOR BANCO DE DADOS CADASTRAIS DO COOPERATIVISMO BRASILEIRO.

Precisamos entender a realidade das cooperativas, para desenvolver as melhores soluções e estratégias e divulgar cada vez mais o setor.

É MUITO FÁCIL PARTICIPAR:

acesse a plataforma SOU.COOP e mantenha o cadastro da sua cooperativa sempre atualizado.



www.sou.coop.br

somoscoop

 Sistema OCB



sistemaocb

VEJA UM POUCO DO QUE FIZEMOS PELO COOPERATIVISMO EM 2020



A pandemia de Covid-19 virou o mundo (e as nossas vidas) de cabeça pra baixo. Ainda assim, conseguimos enfrentar a crise com coragem e resultados surpreendentes para todo o cooperativismo. Em 2020, lançamos a primeira campanha nacional de divulgação do cooperativismo, firmamos acordos inéditos de cooperação com BNDES, Apex-Brasil e Banco do Nordeste, e ainda monitoramos 1.254 projetos de lei relativos à Covid-19, com impacto para o cooperativismo. Saiba mais acessando nosso Relatório Anual 2020, já disponível na internet para todas as coops brasileiras.



somoscooperativismo.coop.br



@sistemaocb

